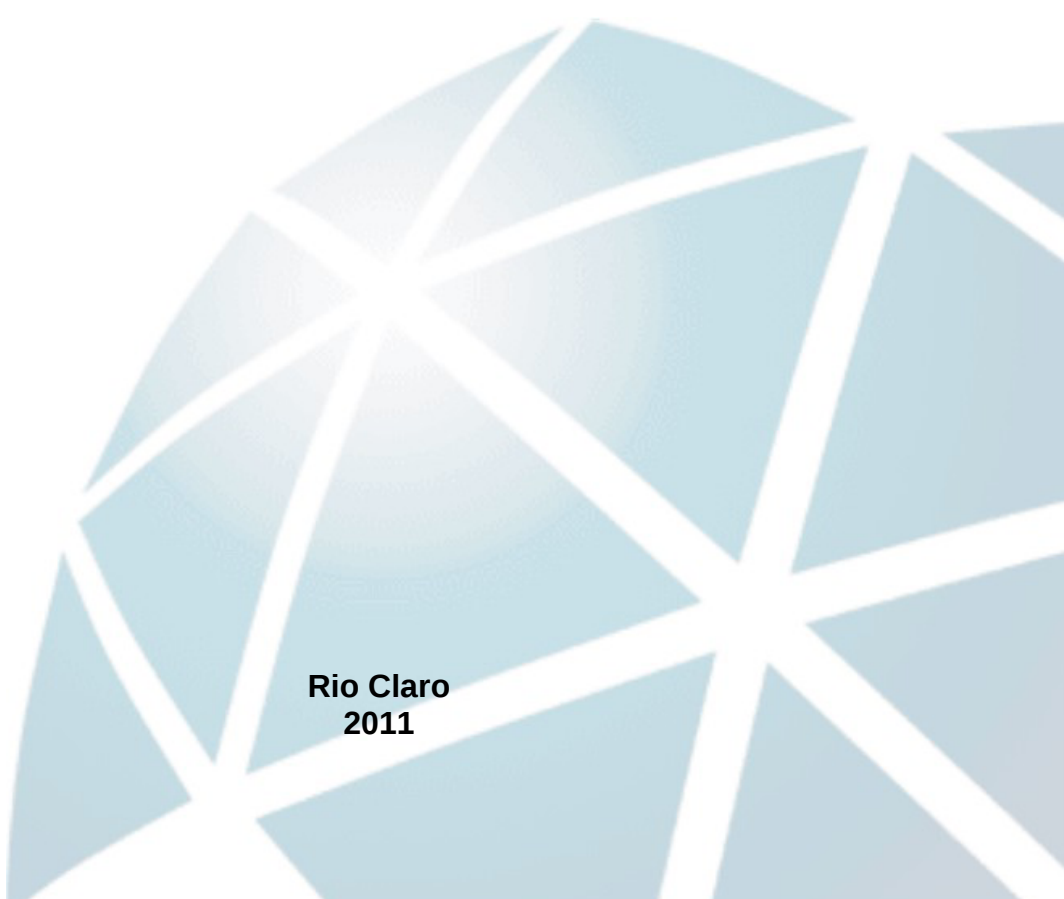

Educação Física

MARCELO FADORI SOARES PALHARES

**O PAPEL DO RECREADOR DE
ACAMPAMENTOS COMO EDUCADOR**



**Rio Claro
2011**

AUTOR: MARCELO FADORI SOARES PALHARES

O PAPEL DO RECREADOR DE ACAMPAMENTOS COMO
EDUCADOR

Orientador: Gisele Maria Schwartz

Co-orientador: Danilo Roberto Pereira Santiago

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências da Universidade Estadual
Júlio de Mesquita Filho, UNESP – Campus de Rio
Claro para a obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Rio Claro
2011

370.116 Palhares, Marcelo Fadori Soares
P162p O papel do recreador de acampamentos como educador /
Marcelo Fadori Soares Palhares. - Rio Claro : [s.n.], 2011
82 f. : il., gráfs., tabs. + 02 TCLE e Questionário

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Gisele Maria Schwartz

Co-Orientador: Danilo Roberto Pereira Santiago

1. Lazer e educação. 2. Recreação. 3. Educação
não-formal. I. Título.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, fontes eternas de
inspiração, garra, sabedoria e
dedicação. Aqui está o primeiro, de
muitos resultados. Amo vocês.

AGRADECIMENTOS

Eis me aqui. Tenho a difícil tarefa de agradecer a todos os que já me ajudaram. Esta sessão me faz resgatar um pouco do que eu sou. Tentarei lembrar de todas as pessoas que fizeram a diferença realmente.

Inicialmente, agradeço a Deus, sua proteção e luz. Eu sei que ELE guia meus passos. Aos meus pais, obrigado por todos os investimentos, esforços e renúncias feitas por mim. Espero que algum dia eu possa proporcionar a alguém todo o conforto, carinho, segurança, respeito, valores e condições que vocês me ofereceram e ainda continuam a fazer.

Obrigado Maria Benedita Soares, minha mãe. Pela sua força, garra, humildade e gana de vencer sempre, independentemente das condições. Obrigado Afonso José Palhares Filho, meu pai, pela sua sabedoria, sensatez, companhia e organização. Vocês são meus espelhos, espero que eu consiga me tornar a pessoa que vocês almejavam.

Agradeço à minha família também, espalhada por este Brasilão, mas especialmente: Maria Alice, minha prima mais próxima, meu padrinho Dudu, um grande exemplo, na vida e na área acadêmica, minha madrinha Lourdes, que há muito tempo não vejo, mas sei que suas preces chegam até mim. Minhas tias Gelta e Augusta (*in memorian*), eternas sempre. Aos meus diversos primos e primas. Aos meus tios Genésio (tiozinho), Gil, Gilberto e em especial Mauricio (*in memorian*)

Agradeço toda galera do colégio Santana, mas especialmente a estes: Fábio, meu grande irmão internacional, quantas histórias, risadas e apuros também. Japa, quantas confissões, conversas e downloads. Pietro, parceiro na volta a pé do Jd. SP. Gabi Duque, muito obrigado por tudo, vc é uma pessoa que realmente admiro pelo seu caráter e sua simplicidade. Alê, minha maninha, aquela que briga comigo quando vou a SP e não a aviso. Rebeca, minha eterna companheira, parceira, aprendi muito contigo, nossas conversas e risadas foram marcantes. Agradeço também Claudio, Muri (foca), Mari, Babi, Kenny, Higor (derruba uma cadeira ai), Vitor (Libanês), Gabi Amaral (companheira de Fofura), Elizabeth (parceira de fotos). Agradeço aos meus professores, destaco aqui: Silvio (aula nazista), Vanderlei (a aula é minha, agora sou eu), Henrique, Sonsoles e Irene.

Agradeço à toda galera da minha época de acampante, a galera mais velha, meus referenciais: Le, Pinguin, Madruga, Érico, Pietro, Mamute, Alê, Pato, Tchellove, Pedrão, Di, Jorginho. A alguns companheiros de quarto e de acampamento: Gabrielzinho, meu primeiro amigo de cachoeira mesmo, primeira pessoa que conheci e confiei. Madruga, muleque de ouro, quantos bilhiscões em momentos críticos? Julinho, muleque guerreiro, humildasso, fez uma coisa que eu jamais me esquecerei. Outros companheiros de acampamento: Camis, valeu por me agüentar, eu sei que já te zuei demais. Gabizão, Gabi Samambaia, Ale Ossinho, Fer, Mari Pikená, Lu Manetta, Mari Tomé, Claudinha, Lari Vasquez, Leo Sato, Abudinho, Mauricio, Simbá, Caco, Cascão, Abud, Digo, Fábio, Lari Tedesco, Fruttão, Tutty, Caio Tatto, Turtle, Luizinho. Aos meus juvenas também: Cassinho, Cissa, Barrosinho, Fabrizio, Higordinho, Grilli, Rodrigo Tulha, Raca, espero que vcs consigam manter a energia e que este lugar signifique o mesmo para vcs, daquilo que significa para mim. A missão está na mão de vocês.

Mas aqui cabe um agradecimento super especial, à galera do meu último quarto: Feijão, BS, Carlinhos, Raul, Diego Manuel, Luketa, Thiagão e Matheus. Com vocês dividi uma das melhores e mais marcantes semanas de minha vida. Em meio a muitas risadas, apelidos e brincadeiras, crescemos e não deixamos de trocar balinhas. Lembre-

se sempre: “A SEGURANÇA DE TODOS, ESTÁ NA DISPOSIÇÃO DE CADA GUERREIRO”

Agradeço a todos os meus “chefinhos” que me ajudaram muito no início de carreira: Paulão, Karllinha, Punky, Blossom, Nenê, Filé, Regiane, Curió, Zé, Lila, Sandrinho, Dani Loira. Estas pessoas me incentivaram, deram oportunidades e me motivaram a continuar seguindo este caminho. Agradeço muito, mas muito mesmo, aos meus acampantes que me inspiraram muito na realização deste trabalho. Meu sorriso a cada manhã. Kenji, Vanessa, Guizão, Rafinha, Giovani, Edu, Tiago, Huguinho, Filipe, Aninha carioca, Paulinha, Rodrigo, Vitor, Gui Di Tolla, espero ver todos vocês comandando a galerinha de vocês e que assim, possam trazer muitas alegrias àquele lugar tão importante.

Já participei de diversos times de futebol, no entanto, acho que a única pessoa que confio e realmente posso dizer que é meu AMIGO, independente de qualquer coisa mesmo, é o Sr. Tiago Alves Pimentel. Este muleque é de outro planeta. Simples, humilde, tem um coração gigante, meu grande parceiro de horas e horas no Winning Eleven. Queria deixar um grande abraço para parceiros e ex-companheiros que há muito tempo não vejo, mas que também marcaram presença como: César, Elias, Will, André, Augusto e Flavinho. Por falar em futebol, como não lembrar do S.A.C.I. e da Eletropaulo? As equipes onde comecei a praticar o futebol. Conheci pessoas, lugares e aprendi a ser homem. Obrigado Tia, Rosa (*in memoriam*), Zé, Wesley, Deni e Luizão. O que eu vivi aí, em meio a muita luta e poucos recursos, e mesmo assim as vitórias e campeonatos surgiram, eu levarei para minha vida. Depois surgiram muitos outros clubes, mas o início eu devo a vocês.

Agradeço à toda a galera do V2: Diego, zoréia da concorrente Cia, Luiz e João, estes irmãos deram trabalho pra muita zaga, Alan egg’ssssss, Ponei, o verdadeiro “craque”, perdia gol sem goleiro, mas todo role acaba na sua casa, Caiçara, meu grande irmão, aprendi a ser mais pessoa, a dividir as minhas coisas contigo, Lari Preta, a vizinha e companheira de trampo. Vocês sempre estão comigo e o que eu vivi com vocês certamente a distância não apagará.

Um enorme agradecimento à minha república SANTA PIRIKITA. Desde o primeiro instante, eu soube que isso marcaria minha vida. Vcs são meus irmãos, espero que cada um lembre sempre dos ensinamentos e experiências que passamos nesta casa, e possam levar para a vida, pois foi significante demais. Agradeço aos meus veteranos: Thércio, meu professor, um dos grandes responsáveis por eu viver aqui desde o 1º ano. Um grande homem, com um grande coração, sempre aprendi muito contigo. Um cara muito simples e que conquista seu espaço com muita luta e principalmente, sabedoria. Barba, meu último parceiro de quarto, um verdadeiro “Gênio”. Um cara que realmente vive intensamente, que aprendi muito e sempre possuímos uma identificação desde quando cheguei, já me ajudou muito. To beee, grande paizão, organiza tudo aqui em casa. Daniel, Breno, Netão apesar de não morarem mais conosco os aprendizados são eternos, bem como o que aprendi com Tsunami, Tijolo, Tibúrcio, Dedão, Guloso, Teco, Fabinho, Decão, Chorão, entre outros tantos.

Aos caras do meu ano que dividiram o teto comigo: Beudinho, “o rei” um cara super do bem, estamos sempre juntos desde o 1º ano, até quando tacamos fogo na casa. Yuri, “o sonão”, mlk muito sangue bom, parceiro para tudo, o vulgo “los parça”. Cansas “o músico”, um cara com espírito de república mesmo: divisão, zueira, bagunça, barulho e tudo mais. Aos meus bixos, principalmente os deste ano Kapote, Tatui e MC, espero que vocês possam ter aprendido muito, como as coisas funcionam, as responsabilidades de cada um dentro de uma república e ensinem os bixos de vocês. Sinto que minha parte foi feita, agora a república segue com vcs. Assim como um dia

me disseram, hoje eu digo; “agora cabe a vocês bixarada, não deixem a corrente se quebrar”.

Agradeço também à primeira de muitas Turmas 2 que virão, vocês marcaram história e só para constar começou conosco o “TURMA 2 É MAIS LEGAL”. Ao LEF 10, SENSACIONAL. Quantos e quantos parabéns? Chegou para janta? E o presente? hoje tem, hein? Derruba uma cadeira, ai e tantos outros. Galera de resposta com a EF. Muitas discussões, análises, previsões e constatações sobre nossa área. Tenho certeza que cresci, em decorrência do progresso do grupo, vocês serão profissionais de sucesso sem sombra de dúvidas.

Aos membros do LEL, desde os mais antigos que não tive o contato, mas me motivaram mesmo sem saber, e principalmente, os que me aturaram no começo, cheio de incertezas e dúvidas. Tiveram paciência e me ajudaram. Valeu Danilo, Cris, Ana Paula, Giselle, Ju, Léo, Murilo, Alcyane, Jossett, Alípio, Sandrinho, Tiago Nicola e outros. Agradeço, àquelas pessoas que muitas vezes ficam, nos “bastidores de nossas vidas”, e que muitas vezes nos esquecemos delas com facilidade. Para contemplar este tipo de pessoa eu agradeço a Dona Angela. A nossa mãezona aqui em RC. Nos proporcionou uma casa, alimentação, limpeza e organização com qualidade para que pudéssemos estudar tranquilamente. Além dos professores e funcionários da UNESP, pessoas como: Paulão e Odair. Às bibliotecárias, SAEPE, graduação, cantina. Os professores: Gobbi, Luizinho, Riani, Afonso, Carlos, Lilian Gobbi, Suraya, Sara, Rosa Maria, Ivan, Samuel, Maria Antonia, Roberto, Cathia (*in memorian*). Enfim todos aqueles que com seus serviços me ajudaram a atingir minha meta.

Um agradecimento especial, a Lu e o Rogério, diretores do Acampamento República do Lago, que viabilizaram minha entrada e permanência no acampamento. Me deram a primeira oportunidade de realmente trabalhar na vida, além da enorme contribuição neste trabalho. Infelizmente, hoje já não faço mais parte da equipe de monitoria, mas aprendi muito. Este local foi primordial no meu início de carreira, me dando respaldo, capacitação e oportunidades. Sem a participação e o aval deles este trabalho não sairia.

Mas sem sombra de dúvidas, a maior responsável por este trabalho é Gisele Maria Schwartz. A pessoa que me inseriu no meio acadêmico, me instigou, questionou e apostou em mim. Agradeço por todos estes anos de parceria, orientação e de amizade. Aprendi a ser mais organizado, pontual e responsável de uma maneira geral. Aprendi a gostar de ler e estudar de verdade. Aprendi a me organizar, gerenciar meu tempo, estudos e com certeza, cresci. Muito obrigado por tudo.

E por fim, a ela. Àquela que me acompanha e me completa. A pessoa que me atura todos os dias e que eu amo muito. Muito obrigado Ana Paula Teruel. Espero que possamos continuar crescendo juntos, pois vc é muito importante para mim. A menina mais atenciosa, disponível, solidária, compreensiva e racional com quem já estive. Não tenho palavras para expressar toda a minha gratidão, bem como, todo meu amor. Sou realmente, muito grato pela companhia diária, nossos momentos, risadas, brincadeiras e até brigas. Sei que posso contar contigo e vc já me cansou de provar isto. E eu te pergunto? “o que seria de mim sem você?” esta frase um dia que me foi dita sem sentido, hoje é realidade. Lembre-se sempre, que eu te amo. Em qualquer lugar do mundo onde eu estiver, vc sempre estará comigo. Gostaria de agradecer também a toda sua família, que sempre me recebeu bem, me deu o apoio e me fez sentir como se estivesse em minha própria casa. Obrigado Leila, Pedro, Miguel, Maria, Carlos Alberto, Lourdes e tantos outros. Especialmente, Geraldo Ribeiro (*in memorian*). As conversas que tivemos e somente hoje eu sei o quão significativo isto foi para mim. OBRIGADO A TODOS VOCÊS.

O PAPEL DO RECREADOR DE ACAMPAMENTOS COMO EDUCADOR

Resumo

As atividades de recreação e lazer podem apresentar um alto teor educativo, sendo coadjuvantes importantes no processo educacional, entretanto, torna-se necessária a atuação de um profissional competente, o qual possa estar consciente de suas funções e ações, inclusive, quando lida em ambiente não-formal de educação, como é o caso dos acampamentos, vivenciados nos momentos destinados ao lazer. Este estudo de natureza qualitativa teve por objetivo investigar, na visão dos próprios profissionais da recreação atuantes em acampamentos educacionais, como eles percebem seu papel como educador e como contribuem na formação sociocultural dos acampantes. O trabalho desenvolveu-se em duas etapas, a primeira com uma revisão de literatura acerca do tema e a segunda com uma pesquisa exploratória, utilizando-se como instrumento um questionário contendo perguntas abertas e fechadas. A amostra foi composta por 27 participantes, de ambos os sexos, com idade média de 22 anos e 6 meses, de diferentes níveis socioeconômicos e com envolvimento na atividade há mais de um ano. Os dados coletados foram analisados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo e indicam que todos os sujeitos do estudo, acreditam contribuir efetivamente para mudanças positivas de conduta dos acampantes e em sua formação sociocultural. Esses profissionais são, portanto, conscientes de sua função educativa, entretanto, apontaram a necessidade de se envolverem com este propósito, buscando as melhores estratégias para o fim educacional, sem perder as peculiaridades do ambiente lúdico. A partir disto, conclui-se que experiências significativas no âmbito do lazer, como as dos acampamentos educacionais, são capazes de contribuir em aspectos educacionais e socioculturais, por meio da atuação de um recreador competente.

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO	10
2. JUSTIFICATIVA.....	12
3. OBJETIVO	13
4. REVISÃO DE LITERATURA	14
5. MÉTODO	27
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	28
6.1. PROCEDIMENTO	28
6.2. EIXO PRINCIPAL I – ASPECTOS EDUCACIONAIS	31
6.3. EIXO PRINCIPAL II- ASPECTOS RECREATIVOS	52
6.4 EIXO PRINCIPAL III - ASPECTOS PESSOAIS	66
6.5. EIXO PRINCIPAL IV - OUTROS	76
8. REFERÊNCIAS.....	79
9. ANEXOS.....	83

1. INTRODUÇÃO

Em meio à globalização, ao desenvolvimento tecnológico e a uma vida agitada, crianças, cada vez mais precocemente, acabam tendo acesso à informação, podendo ser esta positiva ou negativa, dependendo da fonte geradora. As crianças, de modo crescente, têm sido bombardeadas por futilidades e os pais mais atentos e cuidadosos procuram recorrer a soluções alternativas, com o intuito de minimizar os estragos provenientes do acesso a alguns tipos de informação. Inclusive no momento de férias ou folgas escolares, a preocupação de alguns pais é redobrada, tendo em vista maior tempo de liberdade das obrigações, sem, muitas vezes, ter alguém para controlar e organizar esse tempo disponível, ou mesmo, sem que as crianças tenham sido esclarecidas sobre as opções de atividades que tenham um caráter construtivo.

Essa situação pode fazer com que muitos pais busquem alternativas, como as propostas dos acampamentos educacionais, os quais, constantemente, têm apresentado crescimento em número e em demanda. Alguns desses acampamentos proporcionam atividades recreativas e a transmissão de valores, em meio à natureza e vivências de diferentes situações com diferentes pessoas, com certo controle, mas, sem perder a noção de prazer embutida nas vivências lúdicas ali apresentadas. Com base nessas estratégias, pode-se promover um crescimento sob vários aspectos.

Por suas características peculiares, os acampamentos educacionais tomaram vulto no mundo todo, apresentando trabalhos específicos, com contribuições que vão além do desenvolvimento sociocultural, como evidenciado por autores do campo de conhecimento do lazer como, por exemplo, Stoppa (1999) e Silva (2004), entre diversos outros.

Por meio de atividades lúdicas, muitos dos valores socialmente aceitos podem ser vivamente experienciados e introduzidos, merecendo a atenção de educadores e de algumas instituições escolares até hoje, os quais utilizam os recursos dos acampamentos educacionais para reforçar ou iniciar a proposta de alguns valores. Atualmente, já existe uma organização capaz de congrega e gerir toda a atuação dos acampamentos, a Associação Brasileira de Acampamentos Educacionais (ABAE), instituição fundada em 1999, que procura agrupar e trocar informações em prol da melhoria das instituições que promovem o lazer educativo.

Ao recreador, portanto, cabe toda a tarefa de escolher as estratégias mais

competentes para disseminar os valores educacionais necessários. Entretanto, muitos desses profissionais ainda não tomaram consciência do papel fundamental da educação não-formal, a qual pode ser favorecida no contexto do lazer, esse fenômeno social que, ainda, sofre discriminação, desde seu processo histórico.

No início de sua história, desde sua sistematização, possivelmente decorrente da organização social do tempo de trabalho, o lazer passou a fazer parte da vida social, entretanto, sempre esteve aliado e condicionado ao mundo do trabalho, o que projetou a ele uma imagem de supérfluo ou mesmo, um caráter funcionalista (MARCELLINO, 2002) de reposição de energia ou de prêmio pelo trabalho realizado. Muito ainda se conserva desse valor, principalmente no que concerne a algumas de suas possibilidades, como a vivência dos conteúdos lúdicos e mesmo educacionais, por meio da recreação, merecendo maior ênfase e redimensionamento.

Mesmo no campo da formação profissional, parece haver uma lacuna em relação ao conhecimento das características da recreação, tendo em vista que o próprio profissional, muitas vezes, desconhece seu potencial de ação e interação, na construção de atitudes e valores, capazes de fomentar novos aprendizados, não só momentâneos, mas, para a vida. As estratégias lúdicas utilizadas podem favorecer novas perspectivas, indo ao encontro das expectativas dos participantes e caracterizando a viabilidade significativa da Educação Não-Formal.

Com base nesses pressupostos, surgem algumas reflexões importantes, no sentido de se perceber se esse profissional da recreação em acampamento se dá conta e está consciente de seu papel como educador. Outra variável diz respeito às principais ferramentas pedagógicas utilizadas para a passagem de valores positivos. Estas e outras inquietações foram as geradoras desse estudo, no sentido de investigar o papel desse recreador atuante em acampamentos educacionais, na perspectiva da educação não-formal, decorrente dessas vivências no lazer.

2. JUSTIFICATIVA

Na sociedade atual, observa-se, ainda, um grande ranço preconceituoso em relação aos valores das vivências do lazer como elemento capaz de gerar educação, restringindo os conteúdos educacionais apenas às instituições formais da educação. Entretanto, por suas características comunicativas, de vivências lúdicas capazes de gerar prazer, os elementos educativos podem ser ampliados de maneira significativa, assim como, as possibilidades de ocorrência de estímulos motivacionais para a aquisição de valores e condutas positivos, o que coloca o lazer e a recreação como aspectos altamente importantes na configuração da educação não-formal.

Após os anos 90, a educação não-formal ganha bastante espaço, pois começa um processo de valorização da aprendizagem cultural e em grupo e a preocupação com a formação de novos valores capazes de implementar uma sociedade crítica, criativa e responsável representa, hoje, um grande desafio a ser vencido e todos os tipos de aliados a esse objetivo devem ser altamente valorizados. Este é o caso das vivências lúdicas vivenciadas nos acampamentos educativos. A recreação, com suas características próprias, pode fomentar estratégias significativas para o debate, a reformulação e a aquisição de novas perspectivas axiológicas, merecendo atenção neste sentido.

Porém, as estratégias somente serão eficientes, se os responsáveis por sua disseminação forem competentes e conscientes, para compreenderem seu papel como educador, além do domínio técnico específico para sua atuação. Torna-se, portanto, um grande desafio, compreender em que nível esse profissional atuante na recreação em acampamentos educacionais consegue perceber seu papel neste contexto.

A literatura sobre recreação é pródiga em apontar seus valores e benefícios nos aspectos físico ou funcionais e psicológicos, entretanto, bem pouco se tem encontrado, dentro do contexto acadêmico, a respeito do foco na perspectiva da educação não-formal e no profissional que lida com essas nuances, o que instigou o olhar nesse estudo sobre a recreação privilegiada nos acampamentos educacionais.

3. OBJETIVO

Investigar, na visão dos próprios profissionais da recreação atuantes em acampamentos educacionais, como eles percebem seu papel como educador e como contribuem na formação sociocultural dos acampantes.

4. REVISÃO DE LITERATURA

O lazer recebe diversas conotações, cujos aspectos são valorizados diferentemente entre os estudiosos, ainda que algumas características sejam consideradas comuns entre eles. a palavra lazer, que se origina do latim *licere*, mostra o que é “[...] permitido fazer fora do mundo que nos é prescrito” (PADILHA, 2005, 141).

Para Requixa (1980, p. 35), o lazer pode ser conceituado como: “[...] ocupação não obrigatória, de livre escolha do individuo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”. Já para Marcellino (1984, p. 19, **grifo nosso**), o lazer é definido como: “[...] cultura compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o **caráter desinteressado** dessa vivência”.

O autor destaca o termo “tempo disponível”, associado aos elementos do lazer, pois não acredita em “tempo livre”. Para ele, o indivíduo sempre tem obrigações sociais constantes. Assim, sempre tem alguma ocupação, seja ela em qualquer âmbito.

Segundo Marcellino (2007), em pesquisa mais recente, ao se estudar a história do lazer no Brasil nota-se que este, até hoje, sofre limitações decorrentes do desconhecimento de suas potencialidades. O discurso higienista adotado por alguns estados e municípios e, posteriormente, a disseminação de ideais patriotas podem ter contribuído para essa perspectiva de cerceamento dos valores sobre o lazer.

Com o avanço das pesquisas, discussões acadêmicas e a implantação de políticas públicas de lazer, entram em cena outras questões, como a valorização e o aproveitamento do tempo para o lazer. Entretanto, faz-se necessário avaliar alguns aspectos determinantes no melhor aproveitamento do tempo de lazer. Um destes fatores é o econômico.

A longa jornada de trabalho de diversos profissionais, o tempo livre está destinado quase exclusivamente para a reposição das energias para outro dia de trabalho. Com isso, as atividades produtivas do contexto do lazer no tempo livre acabam por serem prejudicadas, quando se leva em consideração todos os seus conteúdos culturais.

Outro fator importante é a alienação que comumente acompanha aproveitamento do tempo destinado ao lazer. Atualmente, tem-se o exemplo de trabalhadores em geral, que, pelo desgaste entre a atividade profissional e o transporte, muitas vezes, acabam

sendo reféns da necessidade de vivência do lazer doméstico, especialmente restrito à assistência à televisão.

As mulheres que possuem vínculo empregatício fora de casa sofrem tanto ou mais do que o homem, em relação à alienação do tempo disponível, tendo em vista que, além do trabalho profissional, acumulam tarefas domésticas e o cuidado com os filhos e a residência.

Ainda há a situação das crianças, as quais, teoricamente, deveriam possuir um tempo maior destinado ao lazer, tendo como única obrigação a escola. Entretanto, a situação é desestimulante, até para as com mais renda. Mediante a um alto índice de violência, os pais acabam procurando afastá-las das ruas, com isso, cerceando o espaço de lazer, que é restrito ao lar (MARCELLINO, 1990).

Na evolução histórica do lazer no Brasil, após o movimento associativo, movimento fundamentado nas Revoluções: Francesa (séc. XVIII) e Industrial (séc. XIX) com ideais sociais visando maior igualdade social, que consistiu na associação de pessoas fundando instituições para minimizarem as dificuldades sociais enfrentadas, foi iniciado um debate sobre a condição limitada do lazer. Esta discussão ocorreu por intermédio do Serviço Social Comércio-Estado (SESC), uma instituição que buscou ajudar a população de baixa renda, por meio de capital privado, dando, assim, novo caráter às relações entre trabalho e capital (SESC-Estado, 2010). Neste momento é que se privilegiou o início da discussão sobre a formação dos profissionais atuantes no lazer. Estes, por premissa, deveriam combater o ócio e a indisposição física e, devido a tais características, o movimento teve adesão por parte da Educação Física. Assim, o profissional da Educação Física encampou a área e começou a se interessar por estar apto a trabalhar no campo do lazer.

O lazer passou por diversos momentos de valorização e, por suas características e conteúdos, tem se tornado um importante fenômeno social. Alguns autores, procurando pedagogicamente demonstrar o espectro envolvendo o campo do lazer, sugeriram explicitá-lo em forma de conteúdos culturais. Dumazedier (1980) propôs sua classificação em cinco interesses, sendo eles: físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais. Já Camargo (1998) propôs a inserção do conteúdo turístico, para dar conta da demanda social sobre esse interesse. Atualmente, existe também a proposta de inserção de um sétimo elemento, o lazer virtual, feita por Schwartz (2003), explicitando as características e expectativas da sociedade atual.

No que tange a sua história, no contexto da Revolução Industrial, momento em

que ocorreram diversas transformações sociais como: diminuição de carga horária de trabalho semanal, criação dos sindicatos e das classes sociais, maior remuneração aos trabalhadores e conscientização de que os mesmos deveriam ter horários livres, o lazer teve uma mudança de conotação. Antes, era algo desvinculado do saber, algo que não traria nada cultural ou intelectual para seus praticantes, sendo inclusive, considerado perda de tempo, com conotação negativa, ou associado à ambígua relação ócio-ociosidade.

Requixa (1980, p. 36) aponta a origem da palavra ócio, derivada do latim “*otium*”, a qual carrega consigo a idéia de descompromisso, nada a fazer, realizar. O ócio é um conceito que nasce na época da Revolução Industrial. Para Dumazedier (1975, p. 57) o ócio é: “[...] ociosidade, ausência de trabalho. É escolhido”.

Levando em consideração a definição de Dumazedier, ócio seria o tempo disponível em que os trabalhadores estariam fora do serviço, ou seja, livres de suas obrigações de trabalho e que poderiam ou não fazer algo. Sendo assim, o ócio seria algo passível de escolha. Contudo, ócio sem trabalho pode representar ociosidade. Dentro dessa premissa, ninguém poderia ter somente tempo de ócio, sendo que deveria existir um equilíbrio entre os dois. Todavia, sempre prevaleceria o trabalho em uma sociedade que visa o lucro, na qual o que se espera é a produtividade, característica vigente até hoje.

A importante distinção entre ócio e ociosidade faz-se imprescindível dentro do campo do lazer. No senso comum, o lazer poderia carregar consigo essa conotação negativa, afastando pessoas de suas práticas.

Além de carregar essa conotação negativa, o lazer, como fruto das transformações causadas pela Revolução Industrial (principalmente pela melhor remuneração dos trabalhadores e a diminuição das horas de trabalho) deixa de ser patrimônio de poucos e torna-se acessível a um maior número de pessoas. Devido a esse fenômeno, o lazer teve dificuldades de aceitação em países ditos puritanos como: Estados Unidos e Inglaterra. Nas sociedades puritanas, conforme afirma Requixa (1980), o trabalho possuía um grande valor, sendo este o meio de salvação da alma.

Requixa (1980, p. 42) aponta as causas da dificuldade de entrada do lazer nos países puritanos, sendo que: “[...] a ética puritana sempre instituiu na supervalorização moral do trabalho”. O autor evidencia também a existência da proibição de divertimentos aos domingos. Assim, nestes países pode-se constatar um preconceito em relação ao lazer, provavelmente fruto da não distinção entre ócio x ociosidade e de

interesses do sistema capitalista.

Outros autores salientam que o lazer pode ser visto de diversas formas. Segundo Marcellino (1990, p. 19-20) podem ser observadas duas abordagens do lazer, sendo uma indireta e outra direta. A indireta “[...] verifica-se, pelo menos, em duas situações: a primeira, quando o foco principal de análise é um de seus conteúdos culturais, ou seja, ao falarem das atividades artísticas ou das práticas físicas, por exemplo, os autores freqüentemente abordam conteúdos ou situações de lazer”. Já a direta é a análise do lazer em sua especificidade.

Parece haver uma divergência na opinião dos autores em relação às práticas do contexto do lazer. Requixa (1980) entende o lazer como um estilo de vida, priorizando o tempo livre, tempo no qual o indivíduo está liberado de seus compromissos do trabalho. Já Dumazedier (1973) defende o lazer como atitude, sendo este, fruto da relação entre a vivência e o indivíduo. Essa visão não considera as atividades sociopolíticas, obrigações familiares e nem o trabalho.

Independente da abordagem, o lazer deve manter-se íntegro em seus valores. Porém, para tanto, este deve ser livre de pré-conceitos, como renda, escolaridade, sexo e idade, fatores que poderiam limitar a participação em suas práticas e desvirtuar a possibilidade de transformação sociocultural. A este respeito, Marcellino (1990, p. 16) salienta que, “[...] tendo como pano de fundo a questão econômica, provoca as desigualdades quantitativas e qualitativas na apropriação do tempo livre”. Nesta fala, o autor defende a idéia de que quando o lazer é algo restrito às camadas sociais mais elevadas ele acaba fugindo do seu objetivo.

Neste breve panorama sobre o lazer, este deve, então, ser compreendido como um elemento necessário da vida humana e, para comprovar sua importância, Marcellino (1984, p. 55) cita a Carta do Lazer, parte do II Seminário Mundial do Lazer, realizado na cidade de Bruxelas em abril de 1976, na qual tem-se a descrição: “[...] todas as atividades humanas devem contribuir para o livre desenvolvimento individual, bem como para o desenvolvimento harmonioso da sociedade, orientada para a criatividade”. Neste trecho faz-se evidente a preocupação com o bom aproveitamento dos instantes raros de lazer da maioria da população.

Além deste, outro trecho pode ser destacado, onde o autor coloca que todo homem tem direito ao lazer, independente de condição social, etnia, sexo ou nível de escolaridade (MARCELLINO, 1983). Portanto, o lazer, além de divertir e recrear, é capaz de promover a formação do pensamento crítico sobre a própria situação na vida, o

que pode provocar alteração de valores e condutas.

No processo de crescimento e evolução das atividades do contexto do lazer começaram a aparecer profissionais que somente transmitiam aquilo que era conveniente ou mercadologicamente interessante, uma espécie de venda do prazer e da ocupação. Este fato contribuiu para tornar alguns desses profissionais “mercadores” do lazer. A postura crítica de Marcellino (1990) em relação a essa venda do lazer constrói-se a partir da necessidade de elaboração de políticas públicas para o lazer, capazes de disseminar toda sua potencialidade.

O lazer oferece uma série de áreas de atuação, tendo em vista a abrangência de seus conteúdos culturais, destacando-se, entre outros, a recreação, cuja atuação pode acontecer em: hotéis, eventos, acampamentos, clubes, hospitais, entre outros ambientes, sendo que o foco de atenção desse estudo recai sobre a recreação em acampamentos educacionais.

A recreação em acampamentos oferece diversas opções de atividades lúdicas, como: práticas esportivas, esportes com caráter lúdico (em que a competição pode ser deixada de lado), atividades e jogos diurnos (estimulando a prática esportiva e atividades aeróbias), atividades e jogos noturnos (estimulando raciocínio e superação de barreiras emocionais, como o medo, por exemplo), até atividades ditas radicais, por exemplo: rapel, *rafting*, *floating*, bóia-cross e arvorismo, as quais são vivenciadas dentro de alguns acampamentos e, hoje em dia, tornaram-se, inclusive, diferenciais para a escolha do local de vivência. Neste último caso, o contato com a natureza é bastante vivo, promovendo experiências significativas.

Schwartz (2004) aponta que, por intermédio dessas vivências pode-se aprimorar a construção da cidadania, realizada no acampamento, podendo-se estender a manutenção desses valores no cotidiano das grandes cidades, auxiliando na conscientização de hábitos responsáveis perante a natureza. Esses espaços conhecidos como acampamentos ou acantonamentos, têm suas peculiaridades e, na literatura, não há consenso sobre a denominação mais adequada, entretanto, alguns autores fazem algumas diferenciações interessantes. Para Jarocki (2008) o ato de acampar se constitui em permanecer em barracas, já acantonamento constitui um local com instalações, dormitórios, banheiros e refeitório.

Entretanto, os acampamentos educativos gerenciados pela ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS (ABAE) aproximam-se mais da definição de acantonamento, contudo, utilizam o nome de acampamentos. Assim

como demonstra Silva (2004), para não se permanecer eternamente da discussão, faz-se necessário saber o objetivo do acampamento, o que poderia evidenciar um ponto de equilíbrio para a decisão sobre a melhor denominação desses espaços de vivência do lazer. Sendo assim, ao se fazer uma incursão no *site* da ABAE, notou-se que todos os estabelecimentos gerenciados por ela possuem preocupação educativa e levam o nome de acampamento em sua denominação oficial, denominação que foi adotada para este estudo.

O início da realização de acampamentos no Brasil ocorreu pela Associação Cristã de Mocidade (ACM), seguindo a conduta americana do cristianismo e educação integral. Segundo Silva (2004), os acampamentos totalmente brasileiros começaram em 1953, com a direção de um educador visando à educação aliada ao esporte. Estes eram realizados na época de férias, com o intuito de uma educação continuada.

A educação é um fenômeno abrangente, sendo possível visualizá-la de três tipos diferentes: Educação formal, não-formal e informal. A educação formal é aquela que acontece dentro do âmbito escolar, com conteúdos programados e sistematizados.

Segundo Mantoan (2002), é necessário recriar-se o modelo educativo vigente. Para a autora: “[...] recriar o modelo educativo refere-se primeiramente ao que ensinamos aos alunos e a como os ensinamos”.

Segundo essa atual tendência da pedagogia, deve-se deixar de lado aquela estrutura que privilegia métodos e fórmulas precisas, necessitando-se de uma estrutura humanitária, privilegiando a experimentação e a cooperação. Além disto, a obtenção do conhecimento não consiste somente em âmbitos formais da educação. O acampamento é um lugar com um grande potencial educativo, já que, por intermédio de suas situações internas e das possíveis relações interpessoais, o comportamento moral do acampante pode ser modificado.

Por outro lado, a educação informal é constituída por elementos variados. Segundo Campagna (2009, p. 25) a educação informal “[...] circunscreve-se em todo processo de socialização, tendo seu espaço demarcado por variáveis como, por exemplo, etnia, raça, nacionalidade, sexo e localidade”. Sendo assim, a educação informal seria aquela que se adquire no cotidiano, mas não se tem o objetivo formal de adquiri-la.

Já a educação não-formal, para a autora, acontece num campo multidimensional do conhecimento, sendo assim, muito abrangente. O seu âmbito seria a vida e o educador, um eterno aprendiz. Essa relação (recreador-acampante-natureza) aproxima mais o educador do aprendiz, diferentemente do ambiente escolar, no qual o professor

possui um “status superior”. Portanto, o trabalho realizado nos acampamentos educacionais estaria enquadrado nessa vertente da educação não-formal. Por meio das atividades lúdicas e recreativas, os acampantes podem assimilar com mais facilidade e interesse o que lhes é transmitido, devido ao fato destas atenderem às expectativas das faixas etárias envolvidas.

Segundo Schwartz (2004), o lúdico está envolvido nas atividades que geram prazer. Assim diversas atividades infantis entre elas: brincadeiras, músicas, fantasias, brinquedos, histórias e contos são elementos lúdicos presentes no cotidiano infantil.

As atividades lúdicas realizadas nos acampamentos sempre são elaboradas a partir de uma visão de conjunto. Os jogos de competição não devem ser muito estimulados, pois se perderia a proposta de um acampamento educacional, tal qual cita a ABAE – Associação Brasileira dos Acampamentos Educacionais (2010).

Imagine um lugar onde a criança ou o jovem encontre novas amizades, desafios, momentos de alegria, incertezas, realizações, aventura [...] Onde o correr, o brincar, o jogar e interagir com natureza sejam caminho para um momento de crescimento e desenvolvimento do grupo.

A perspectiva de transmitir valores por meio de atividades lúdicas pode ser caracterizada como um ambiente não-formal de educação. Gohn (1999) aponta aspectos positivos da educação não-formal, que devem ser incorporados a todas as relações cotidianas, sejam elas dentro do núcleo familiar ou em nível nacional. Mediante esses aspectos, o animador sociocultural pode reconhecer as práticas do contexto do lazer como veículo para educação. Para Marcellino (1984), esse reconhecimento do lazer como veículo de educação está diretamente associado à possibilidade de participação direta nas vivências. Levando-se em consideração o fato de que o lazer pode ser assistido ou praticado, as vivências reais das atividades do contexto do lazer podem ser capaz de estimular o pensamento crítico do praticante. O autor propõe uma educação do lazer por meio do próprio lazer.

Existem outras propostas educacionais que corroboram a da educação não-formal. Entre elas, a Educação Elucidativa e o Construtivismo. Nardy (2006) classifica a educação em três formas distintas. Educação Autoritária, Educação por Retirada de Afeto e Educação Elucidativa. A Educação Autoritária é centrada em uma única pessoa, possui regras, contudo estas não são explicadas, tendo um caráter de superioridade e inibição do senso crítico do participante. A coação é uma forma de repreensão do erro, portanto, a criança, ao errar, recebe um castigo ou punição.

A Educação por Retirada de Afeto, conforme a autora, possui, tanto aspectos positivos, quanto negativos. Um aspecto positivo destacado é a desobediência à regra por parte da criança, assim a criança não possui a obrigação de seguir aquilo o que lhe é imposto. Este fato causa uma resposta do adulto, geralmente a exibição de um sentimento de mágoa. Todavia, uma educação baseada somente neste modelo seria somente afetiva e o respeito poderia acontecer pelo medo, caracterizando-se também uma forma de coação.

Já a Educação Elucidativa, preocupa-se com o diálogo, os participantes devem dialogar, todos devem compreender para aceitarem todas as regras, com isso o educador preocupa-se com os objetivos, de que todos compreendam e aceitem o que é proposto. A autora explicita esta atitude como contribuinte para o desenvolvimento moral do praticante.

Em algumas situações diárias da convivência no acampamento como: organização das camas, roupas, banheiro, roupas utilizadas durante as festas (quando todos devem se fantasiar dentro de um determinado tema), músicas, grupos, convívio com outro gênero, o monitor/recreador deve fazer com que todas as regras sejam elucidadas e compreendidas claramente. Entretanto, este não deve usar coação em forma punitiva, mas sim, utilizar estratégias de persuasão capazes de atender as expectativas dos envolvidos.

O construtivismo, teoria baseada nos estudos de Piaget, afirma que o conhecimento é construído por meio da participação do aluno. A rigor, nenhum processo está totalmente pronto, mas, por intermédio da qualidade das relações sociais e da interação ser humano-meio ambiente, pode-se promover, de forma positiva, a aquisição de conhecimento (BECKER, 1994). Assim, o professor, em uma perspectiva construtivista, deveria estimular a participação de todos para que cada aluno consiga, com base nas experiências em conjunto, aprender e, por conseguinte, estaria construindo seu conhecimento.

Analizado dentro destas teorias, o trabalho realizado pelo monitor de acampamentos, sendo um facilitador para as relações pessoais de seus acampantes, pode ser inserido dentro da perspectiva defendida pelas teorias menos formais. Ao procurar e mediar o diálogo, é criado um ambiente favorável nos aspectos sociais, físicos e culturais, possibilitando com que todos participem das decisões.

O animador sociocultural atuante nos acampamentos educativos aproveita as características do lazer como veículo para educação. Segundo Gandini (1980), quando o

lazer é tomado como produto de mercado apenas, deve-se atentar que este passa a ser uma mercadoria que somente é utilizada pelas camadas mais elevadas na sociedade e dirigida a esta mesma camada. Entretanto, quando este é mobilizado como veículo de educação, suas perspectivas ampliam-se, no sentido da disseminação de valores e condutas a toda população.

Neste trabalho destaca-se o valor do recreador de acampamento como um animador sociocultural. Segundo Ventola (1997, p.18) os profissionais atuantes na área do lazer devem: “[...] ter um perfil comunicativo, simpático, alegre, maleável, imparcial, divertido e brincalhão”. Com base nestas características, o animador sociocultural poderia aproximar-se mais facilmente dos participantes e propor suas atividades.

Contudo, o seu objetivo não pode se limitar somente a propor atividades. Este deve, inclusive, promover reflexões sobre as atividades, afim de que os participantes possam adquirir um senso crítico e perceber qual a importância do jogo e/ou da brincadeira e transferir os seus valores para a vida. Principalmente na atuação com crianças, geralmente, estas evidenciam a figura do monitor como um exemplo a ser seguido. A autora ainda destaca o papel de “ídolo” construído pela criança em relação ao monitor. Assim, o monitor pode implementar os valores socialmente aceitos, por meio de estratégias lúdicas, de jogos, atividades, brincadeiras. Com estas características o animador sociocultural utiliza-se da educação não-formal para envolver-se com os aspectos educacionais.

A partir disto, a estrutura elaborada por Marcellino (1990) sobre as características do animador sociocultural evidencia que, além de dominar um vasto conteúdo cultural. Este deve ter vontade de transmitir esse conhecimento, deve exercer a reflexão e valorização de suas próprias condutas, assim, se diferenciará daqueles “mercadores” que reproduzem o lazer de forma equivocada.

Sendo assim, os “mercadores” profissionais formados de acordo com os interesses da sociedade vigente, podem mascarar o verdadeiro significado do lazer. Na tentativa de ampliar essas perspectivas de ação do profissional atuante no campo do lazer, Dumazedier (s/d) salienta que uma equipe de lazer deveria ser composta por: animadores socioculturais dirigentes (competência geral mais apurada), animadores socioculturais profissionais de competência específica, não abandonando a competência geral, e no caso de políticas públicas, que atuem como educadores e não “mercadores”. Além destes aspectos formais, Marcellino (1990) ainda evidencia a possibilidade de inserção de animadores socioculturais voluntários, os quais podem ser necessários para

a vinculação com a cultura local, respeitando os anseios, aspirações e gostos da população que se pretende atingir.

Em relação às atividades comumente utilizadas nos acampamentos educativos pelos animadores, algo muito utilizado é o jogo, ainda que, ao longo da história, este tenha merecido descrédito por parte, especialmente da Igreja. Em uma breve análise histórica, encontram-se relatos da Igreja Medieval condenando fortemente o jogo. A proibição era contraditória, pois a elite econômica aceitava a realização de jogos em pequeno número, entretanto, alguns moralistas, não aceitavam quase todos os jogos.

Este cenário durou até cerca dos séculos XVII e XVIII, em que ocorreu uma diferenciação entre os jogos nocivos e os benéficos. O Humanismo presente na ideologia do Renascimento, movimento cultural e social que visava o desenvolvimento intelectual e refinamento cultural, foi decisivo para a introdução dos jogos no cotidiano burguês (RODRIGUES, 2000).

A definição de jogo proposta por Huizinga (1971, p.33) o trata como:

Atividade ou ocupação voluntária, exercida, dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotada de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da 'vida cotidiana'.

Huizinga (1971), em sua análise, aponta o jogo como algo anterior à cultura, possuindo regras e finalidade própria, sendo também uma atividade temporária, com tempo específico, como uma espécie de fuga da vida cotidiana. O jogo possui um elemento cultural que não visa conter somente necessidades físicas e fisiológicas. Além disto, conforme o autor, o jogo contribui para a evolução e prosperidade do grupo social. Com isso, pode-se dizer que o jogo deve ser jogado espontaneamente.

O jogo vai ao encontro dos caminhos pedagógicos da Educação Elucidativa, proposta por Vinha, citado por Nardy (2006), existindo a preocupação da aceitação das regras por todos. Dentro da Educação Física, especificamente, outra tendência pedagógica que corrobora alguns pontos das anteriores a este respeito é a crítico-superadora. Esta tendência da Educação Física escolar dá ênfase ao processo reflexivo do aluno, assim, podendo estimular o senso-crítico. Este senso-crítico desenvolvido, segundo os defensores da proposta, Carmen Lucia Soares, Celi Taffarel, Elizabeth Varjal, Lino Castellani Filho, Micheli Escobar e Valter Bracht, seria o começo para uma possível transformação social e o jogo pode ser uma das estratégias neste sentido.

Chateau (1987), em sua análise, chega a comparar os jogos humanos com os de

animais, mais especificamente com os dos macacos. Os diferentes tipos de jogos dos animais dependem da espécie à qual pertencem, por exemplo, os macacos brincam de uma forma diferente da dos cachorros. Já as crianças humanas brincam de outra forma, pois, até mesmo ao se comparar duas crianças brincando, estas brincam de maneiras distintas. Essa diferença no ato de brincar depende de uma personalidade flexível.

Essa é uma das bases que distingue o jogo, deixando de ser uma atividade funcional para se transformar em uma atividade autônoma. A busca pelo prazer que o jogo proporciona surge exatamente neste elemento, justamente a procura por algo que seja satisfatório.

O jogo é uma situação-problema a ser resolvida, a resolução deste problema deve partir da criança, estimulando a criatividade, além de aguçar o autocontrole para resolução da situação. A sensibilidade de uma criança que não brinca pode ser menor devido à falta de estímulos e da falta de oportunidades para acertar ou errar. Friedman (2005) aponta o jogo como uma ferramenta para a educação, justamente pelo prazer que traz embutido. Não é apenas o jogo que pode ser tomado neste sentido, mas, todas as atividades que promovem o ato de brincar.

Autores como Bomtempo (1986), Elkonin (1998), Kishimoto (2001) entre outros, elucidam o brincar como a coisa mais importante na vida da criança, especialmente no decorrer da primeira infância. A brincadeira, para toda criança, é séria.

Outros autores como Bee (2003) e Victo (2005) evidenciam a seriedade das crianças quando brincam. Esta seriedade é tão grande, que pode ser aproveitada pela esfera comercial, quando o brinquedo passa a ser objeto de desejo da criança. O brinquedo deve estimular a imaginação da criança e esses brinquedos são altamente sofisticados e têm um fim neles próprios. Uma criança pode pegar qualquer objeto e transformar naquilo que ela bem desejar, sendo esta uma das grandes funções do brinquedo, isto é, o uso da imaginação.

Conforme a criança brinca, torna-se capaz de aprender e aceitar suas qualidades e defeitos, podendo se reconhecer melhor na sociedade. A brincadeira faz parte do processo de desenvolvimento da criança, não sendo, simplesmente, uma forma para gastar a energia (VICTO, 2005). Pode-se dizer que a brincadeira é natural da criança e que, por intermédio da mesma, ela demonstra seus sentimentos, aquilo que não conseguiria fazer com as palavras. Sendo assim brincar constitui-se em um elemento primordial nesta fase.

Diversos autores, dentre eles ícones como Vigotsky e Piaget demonstram a

importância do brinquedo para a criança. Piaget (1971) relata casos de experiências lúdicas aplicadas em seus estudos e Vigotsky (1984) elucida as diversas situações que o brinquedo oportuniza às crianças. Assim como o jogo, a brincadeira possui um elemento cultural, pois, por meio das brincadeiras, diversos valores morais e costumes foram transmitidos para diversas gerações ao longo da história.

As várias modalidades lúdicas, dentre elas as brincadeiras, não permaneceram imutáveis, ao contrário, foram se modificando, incorporando valores e desprezando outros, conforme o passar do tempo. Vasconcelos (2003) ao realizar uma análise histórica, demonstra que a brincadeira possuía um valor de congregar pessoas. Sendo assim, atividades simples, porém realizadas em conjunto, já seriam capazes de satisfazer este requisito. O mesmo autor aponta também o caráter ancestral da brincadeira, o fato de várias brincadeiras serem transmitidas preservando, assim, a identidade cultural de determinado povo ou região.

Além do elemento cultural, a brincadeira promove avanço cognitivo, pois mistura realidade e imaginação. Considerando a característica infantil da imitação, a representação de papéis durante o ato e de situações da vida adulta, a brincadeira colabora com a socialização do indivíduo e no desenvolvimento da linguagem que, posteriormente, será utilizada na aquisição formal de conhecimento. Estes aspectos podem ser percebidos no trecho do estudo desenvolvido por Sousa (2006, p.7) “Considerando toda a riqueza envolvida na atividade do brincar, que permite à criança interagir com o outro, descobrir, estabelecer relações, buscar soluções, criar, assimilar, a realidade e poder assim recriá-la, entre tantas outras possibilidades que o lúdico oferece”.

Na infância, ocorre com grande frequência o brincar, entretanto, Souza Lima (1992) salienta que nenhuma atividade é específica de determinada fase do ser humano. O brincar tem características infantis, pois, além de auxiliar no desenvolvimento cognitivo, ajuda no período em que a criança adquire padrões de motricidade. Na brincadeira, assim como no jogo, os movimentos podem ser controlados com maior facilidade pela criança, do que se forem pedidos aleatoriamente. Além de estimular diversas características necessárias no jogo, como cooperação e concentração, tanto o jogo, quanto o brinquedo e a brincadeira tornam-se importantes ferramentas educacionais.

Mas, as inquietações que pairam quando se analisa esta perspectiva de disseminação de atitudes e valores via educação não-formal dizem respeito à

necessidade de que esse profissional atuante nos acampamentos esteja consciente de seu papel como educador e das principais ferramentas pedagógicas utilizadas para a passagem de valores positivos. Estas e outras inquietações foram às geradoras desse estudo, cujo objetivo é centrado em investigar o papel do recreador de acampamentos na perspectiva da educação não-formal.

5. MÉTODO

Este estudo tem uma natureza qualitativa, por entender, assim como Richardson (1999), que este método é capaz de compreender processos dinâmicos vividos por determinados grupos sociais, neste caso, os acampantes e os recreadores. O estudo aliou a pesquisa bibliográfica, feita em fontes de dados sobre os temas aqui propostos, com a pesquisa exploratória, a qual tem a vantagem de adentrar diretamente no universo pesquisado.

Foi utilizado como instrumento para a coleta de dados da pesquisa exploratória um questionário contendo perguntas mistas, o qual, inicialmente, passou por validação de um corpo de especialistas com título de doutor, os quais fizeram a análise das questões que mais se adéquam para se atingir ao objetivo proposto no estudo (anexo I). De posse desta análise foi elaborado o instrumento definitivo, o qual será aplicado a uma amostra intencional composta pelos recreadores envolvidos em acampamentos educativos de grande porte no interior de São Paulo.

Os sujeitos da amostra tinham envolvimento há mais de um ano nesta atividade, sendo de ambos os sexos, com escolaridade e nível socioeconômico variados. Para o desenvolvimento desta parte do estudo, realizou-se, inicialmente, o contato com os diretores dos acampamentos selecionados e, posteriormente, o convite para participação no estudo, aos recreadores envolvidos. De posse da anuência dos mesmos e após a explicação dos objetivos do estudo e da possibilidade de declinar da participação a qualquer momento, estes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo II), procedendo-se a todos os requisitos Éticos da Pesquisa. Os riscos foram mínimos, devido ao fato de a adesão ao projeto acontecer perante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto foi enviado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro.

Os dados provenientes das respostas dos participantes foram analisados com base na utilização da Técnica de Análise de Conteúdo Temático, a qual, conforme evidenciam Richardson (1999) e Bardin (2004) auxiliam na assimilação dos temas de maior interesse dentro das respostas.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

6.1. PROCEDIMENTO

A coleta de dados desenvolveu-se por meio de um questionário misto, contendo dez questões, aplicado a uma amostra intencional de vinte e sete monitores de recreação com idade média de 22 anos e 6 meses, atuantes em acampamento educacional de grande porte, no interior de São Paulo, no tempo mínimo de um ano. Os questionários foram respondidos individualmente e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a análise dos dados, seguindo a técnica de Análise de Conteúdo Temático (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2004), as respostas foram separadas em eixos temáticos principais e secundários. Os eixos temáticos principais foram: Eixo “Aspectos Educacionais”, com os eixos secundários: conduta, transmissão de valores e educação, características de educador, contendo as questões de números: 4, 5, 7 e 9.

O eixo “Aspectos Recreativos”, com os eixos secundários: alegria, prazer, socialização, educação em espaços informais pelo jogo e brincadeira, contendo as questões de números: 3, 6 e 8. Em relação aos eixos secundários são, basicamente, os elementos gerados considerou a grande variedade de atividades de lazer, mas, geralmente, outros elementos entraram em cena, tais como: prazer, bem-estar, diversão e alegria.

O eixo “Aspectos Pessoais”, apresentando os eixos secundários: razões econômico-sociais, identificação com a profissão, reconhecimento do desempenho profissional e desenvolvimento pessoal, envolvendo as questões de números: 1, 2 e 10. As questões abordavam motivação, expectativa e conduta de relacionamento interno dos acampantes, respectivamente, como temas. Este eixo justifica-se por abordar os fatores relacionados aos próprios indivíduos, sejam intrínsecos ou extrínsecos, anteriores à prática profissional, tais como: gostar de crianças, a identificação com a profissão, ganhar dinheiro, ascensão no local de trabalho, reconhecimento profissional, desenvolvimento pessoal.

Entretanto, existem fatores mais recentes ou imediatistas, como fonte de renda, que também foram evidenciados, afinal, o indivíduo possui diversas necessidades econômico-sociais e, para isso, deve possuir subsídios para sobreviver. Além de que, todo profissional almeja reconhecimento profissional e social, por conseguinte, aumento

da renda e o *status* social também, assim, o profissional atinge o sucesso profissional. O fator de desenvolvimento pessoal justifica-se pelo fato da prática profissional consistir em um cenário que promova mudanças qualitativas na vida do indivíduo, em seu sentido mais amplo.

No eixo Outros, foram categorizadas todas as respostas não pertencentes aos eixos anteriormente citados, tendo sido classificadas neste eixo. Este pode ser um dos exemplos dessa categoria, quando perguntado sobre a motivação em exercer o papel de recreador (Pergunta 1):

Tentar transmitir às pessoas a magia que existe nos jogos e brincadeiras recreativas.
(Sujeito 14)

Vale salientar que esta maneira de classificação dos componentes não é única, sendo que, determinadas atividades podem encaixar-se em diferentes eixos simultaneamente, dependendo da direção apontada pelo responsável pela ação ou atividade. A primeira pergunta já demonstra esta possibilidade de diferentes classificações, pois, pode ser inserida dentro de qualquer um dos quatro eixos. Poderia compor o eixo “Aspectos Educativos”, pelo fato de o recreador demonstrar interesse no processo educativo da criança, como reforça a afirmação do sujeito 2, respondendo à pergunta 1:

Educar as crianças e proporcioná-las momentos felizes.
(Sujeito 2)

Esta resposta dada pelo sujeito 2 também poderia ser classificada no eixo “Aspectos Recreativos”, por se tratar da preferência do recreador em participar de um ambiente descontraído do acampamento, ao invés de em um ambiente formal. Este aspecto é ilustrado na afirmação do sujeito 5 para a pergunta 1:

A alegria e descontração que esse trabalho proporciona, tanto para o recreador quanto para o acampante.
(Sujeito 5)

A sensação de alegria transmitida e recebida pelos participantes dos dias ali passados é um fator que exacerba a motivação profissional, sendo assim, a partir desta análise, estas categorias também poderiam ser classificadas no eixo “Aspectos Pessoais”. Contudo, a questão também poderia ser analisada do ponto de vista do eixo

“Aspectos Recreativos”, quando aborda a alegria e descontração, que são encontradas nas atividades do contexto do lazer/recreativas.

Estas questões que dão margem a mais de um indicador nos eixos foram, então, inseridas em sub-eixos, a fim de sistematizar e qualificar a análise e facilitar a discussão. Assim, dentro dessa variedade de classificações, as respostas foram agrupadas, no sentido de estarem catalogadas em uma única classificação dentro dos eixos propostos. A tabela 1 demonstra como ficou a classificação das perguntas dentro dos eixos.

TABELA I – Classificação das perguntas nos eixos temáticos principais.

Perguntas do questionário	Classificação nos eixos
Pergunta 1	Eixo Pessoal
Pergunta 2	Eixo Pessoal
Pergunta 3	Eixo Recreativo
Pergunta 4	Eixo Educacional
Pergunta 5	Eixo Educacional
Pergunta 6	Eixo Recreativo
Pergunta 7	Eixo Educacional
Pergunta 8	Eixo Recreativo
Pergunta 9	Eixo Educacional
Pergunta 10	Eixo Pessoal

A partir destes eixos é que foram analisados os dados apresentados a seguir. O eixo “Outros”, a priori, não possui nenhuma pergunta, somente serão analisadas neste eixo as respostas não condizentes com nenhum dos eixos sugeridos.

6.2. EIXO PRINCIPAL I – ASPECTOS EDUCACIONAIS

O eixo principal “Aspectos Educacionais” teve por objetivo analisar, nas respostas dos recreadores, elementos que relatavam a preocupação em transmitir valores socialmente aceitos e elementos que pudessem contribuir com o desenvolvimento sociocultural e humano dos participantes. Neste eixo estão concentrados os sub-eixos: questões educacionais, conduta, transmissão de valores, características de educador. Contendo as questões 4, 5, 7 e 9, que versam sobre temas como os valores que buscam serem transmitidos durante a estadia, possível contribuição na mudança de atitudes, conduta do recreador perante desrespeito entre os acampantes e para com ele.

Basicamente, as questões 4 e 5 tiveram como temas: a educação e aspectos socioculturais, além da possível aplicação destes temas no acampamento, enquanto as questões 7 e 9 abordaram as situações em que ocorria falta de educação. Com esta estrutura seria possível indagar: será que os recreadores possuem um discurso condizente com a prática? Seria possível também, assim como aponta Schon (2000), evidenciar a possibilidade da reflexão crítica sobre a prática?

O recreador possui como recursos para a transmissão de valores, basicamente, a linguagem e a conduta, para a inserção de componentes educativos e socioculturais (tanto em âmbito escolar quanto pessoal) durante a estadia. Na maioria das intervenções, o recreador depende do domínio, tanto da linguagem, quanto de condutas adequadas a cada situação. Ambas as características precisam ser adequadas ao público a ser atendido. A capacidade em trabalhar com diversas faixas etárias já pode ser considerada uma característica educativa, já que o grande número de pessoas atendidas, de diferentes idades, traz benefícios na questão da experiência do recreador com públicos diferenciados e exige dele maior rigor e adequação na linguagem.

Conforme Chamlian (2005), que recorre à Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) para determinar as responsabilidades dos recreadores de acantonamentos, estes:

Promovem atividades recreativas diversificadas, visando ao entretenimento, à integração social e ao desenvolvimento pessoal dos clientes. Para tanto, elaboram projetos e executam atividades recreativas; promovem atividades lúdicas, estimulantes à participação; atendem clientes, criam atividades recreativas e coordenam setores de recreação; administram equipamentos e materiais para recreação. As atividades são desenvolvidas segundo normas de segurança.

Esta definição não abrange aspectos educativos nem socioculturais como sendo

de responsabilidade dos recreadores, assim, estes teriam a função de contribuir somente com aspectos lúdicos. Para que a atuação seja mais eficiente no sentido educacional, os recreadores devem também trazer aspectos educacionais e socioculturais para a atuação profissional.

Tendo o acampamento como local, a inserção de valores socialmente aceitos perpassaria os âmbitos educativo, recreativo e sociocultural concomitantemente, pois, além de demonstrar valores, estes seriam transmitidos de forma lúdica, agradável. Partindo desta premissa, a transmissão seria mais facilmente aceita e mais eficaz. (KISHIMOTO, 2001).

Neste sentido, a análise dos dados começa com a pergunta 4, que questionava se os recreadores sentiam-se capazes de mudar atitudes e condutas inconvenientes, para tal questão as respostas foram:

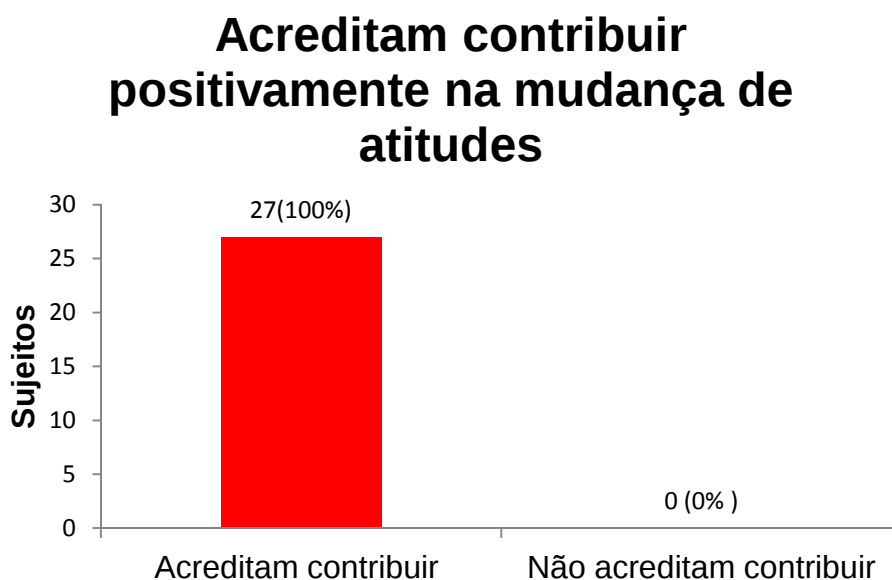


FIGURA 1. Respostas dos recreadores para a pergunta 4

Como observado no gráfico, todos os sujeitos participantes desta pesquisa responderam que se consideram capazes de modificar atitudes de forma positiva, como se pode verificar nos depoimentos dos sujeitos 2, 7 e 11.

Sim, acredito conseguir passar valores e idéias que contribuem positivamente.
(Sujeito 2)

Sim, e mudanças positivas, pois a criança brincando aprende e se vê na prática inserida num contexto social.
(Sujeito 7)

Sim, eles idealizam demais os monitores e repetem suas atitudes e falas. Demonstrando respeito.
(Sujeito 11)

Para tal mudança os recreadores destacaram alguns métodos como: demonstrar valores, estabelecer canal de comunicação, resolver problemas de forma conjunta, promover socialização, gerar convivência sadia entre os acampantes, propor a reflexão e outros, que serão discutidos ao longo da análise. Contudo, o principal ponto destacado pelos recreadores foi o fato de serem exemplos para os acampantes. Partindo desta premissa, elucida-se a preocupação com a educação e desenvolvimento integral dos participantes por parte dos recreadores envolvidos no estudo.

Na análise das respostas à questão 4 percebeu-se a preocupação com a educação como um fenômeno abrangente e complexo. Devido a essas características da educação, é difícil mensurar, fora de um ambiente formal de ensino, quando ocorre aprendizado e em que esfera ele se processa.

Educar, segundo o dicionário de Ferreira (2004, p.502) refere-se ao: “[...] 2. Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. 3. Os conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo 7. Conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez e cortesia”. Dentro desta perspectiva, a função educacional do recreador é a de estimular atitudes que não estão desenvolvidas, além de fomentar condutas convenientes dentro de determinada moral social e promover desenvolvimento para os participantes.

Para contribuir na mudança das condutas e atitudes inconvenientes, o recreador pode demonstrar alguns dos valores socialmente aceitos. Isto aconteceria por meio de sua conduta durante a atuação. A conduta do recreador é importante, pois é capaz de ser avaliada a todo instante pelos acampantes. Por isso, este não deve cometer injustiças e cumprir com as obrigações durante a estadia, ou seja, ser uma pessoa com caráter. Mediante a demonstração deste caráter o recreador se aproxima do grupo e acaba tornando-se uma figura a ser seguida, devido a suas características morais.

Ao longo das respostas, notou-se que os profissionais possuem, de certa forma, consciência a respeito de ser exemplo, já que seis sujeitos (22%) salientaram esse aspecto na pergunta 4, como demonstrado nos trechos a seguir:

[...] o recreador é mais uma pessoa a dar o exemplo.
(Sujeito 25)

[...] muitos de nossos atos, coisas que fazemos servem de espelho para os acampantes.
(Sujeito13)

[...] a gente vira espelho para eles, então atitudes corretas sempre captadas por eles.
(Sujeito 14)

Por meio desta convivência social, os participantes podem conhecer diferentes pessoas e participarem de diversas experiências. Isto poderia possibilitar o trabalho de valores educacionais e socioculturais simultaneamente. Devido a esta característica, o acampamento se torna um ambiente propício para mudanças qualitativas, tanto comportamentais, quanto axiológicas do participante.

Na análise do questionário, os recreadores enfatizaram fatores provenientes do convívio social durante o acampamento, como cooperação, amizade e integração, como aspectos positivos ligados ao componente educativo. Conceitos como: ética, moral e justiça também foram enfatizados, o que, inclusive, chama a atenção a respeito dos valores socialmente aceitos.

No que concerne ao conceito de valor, Japiassú e Marcondes (1996, p. 268), em sua essência, salientam que este significa: “[...] coragem, bravura, o caráter do homem”. A noção filosófica sobre axiologia ou sobre valores é bastante ampla, porém, pode-se compreender este termo como aquilo que é bom para o ser humano, o que deve ser feito, ou seja, uma atitude que possua caráter positivo subjacente. A axiologia é o ramo da Filosofia que estuda os valores. Axiologia, vocábulo proveniente do grego *ἀξιος* (“valor”, “valioso”, “estimável”) é utilizado para valores éticos e estéticos, incluindo os valores negativos (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

Alguns valores morais e éticos podem ser bastante explorados na atuação do profissional de recreação, se este perceber efetivamente seu papel educativo. Entretanto, para analisar quais os valores socialmente aceitos, deve-se levar em consideração que tipo de sociedade se pretende focalizar.

Já em relação à Moral, o termo provém do latim *moralis* e é relativo aos costumes. Segundo Japiassú e Marcondes (1996) moral diz respeito ao conjunto de costumes, valores e normas de conduta específicas de uma sociedade ou cultura. Esses autores salientam que, para Immanuel Kant, um dos maiores filósofos iluministas, a moral é a esfera da razão que responde à pergunta: o que devemos fazer?

No que tange à ética, do grego *ethos*, esta é a parte da Filosofia que diz respeito ao comportamento, ao modo de ser. Abbagnano (2000) salienta que a ética considera a ação humana do seu ponto de vista valorativo e normativo. Assim, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de vida, enquanto a moral procura estabelecer um conjunto de regras para uma vida mais justa e harmoniosa.

Outro conceito abordado foi o de justiça. Segundo Mora (2001), os gregos, desde os pré-socráticos, acreditavam na existência de uma ordem cósmica que regia o mundo. Algo justo para os pré-socráticos era algo que não interferisse nessa ordem cósmica. Platão em sua principal obra, A República, demonstrou que justiça é restituir a cada um aquilo o que é de direito. Dentro destas perspectivas, o recreador pode passar valores que ele julgue importante (valores éticos) e outros que a sociedade julgue importante (valores morais), tudo isto, tendo a justiça como pano de fundo.

Em relação aos conceitos socialmente aceitos, a pergunta 5 enfatizava quais valores os recreadores visavam transmitir aos participantes. Como se pode observar no gráfico apresentado a seguir, um dos valores mais citados foi o respeito, sendo que 19 sujeitos (cerca de 70% dos participantes) destacaram este valor como um dos elementos a serem transmitidos.

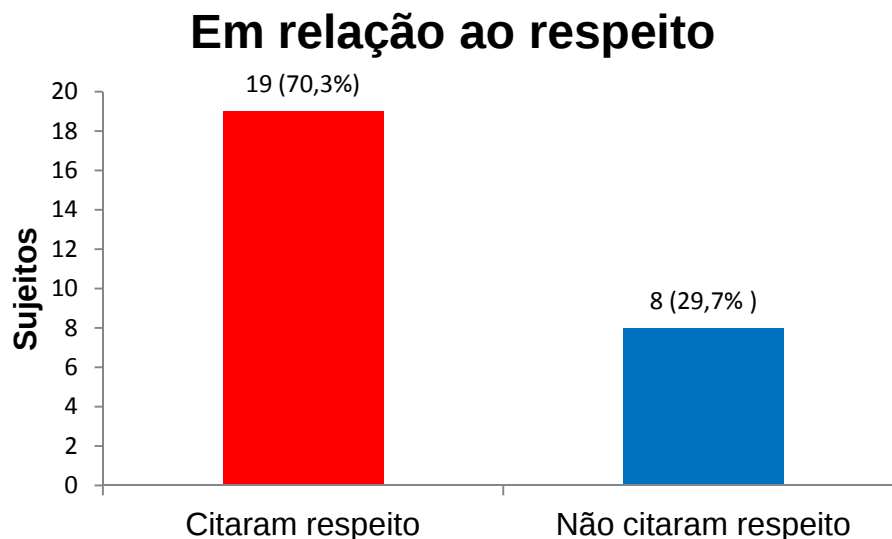


FIGURA 2. Número de citações da palavra respeito

A importância do respeito fez-se presente, também, nos discursos dos recreadores. Nos relatos de seis sujeitos para a pergunta 5, pode-se perceber claramente tal fato:

Respeito, cooperatividade e senso crítico
(Sujeito 2)

Respeito, paciência, convivência e educação
(Sujeito 4)

Respeito, companheirismo e honestidade
(Sujeito 6)

Respeito, educação e conhecimento pessoal
(Sujeito 7)

Respeito, autonomia
(Sujeito 20)

Respeito ao próximo, paciência
(Sujeito 21)

O ser humano tem necessidade de regulamentar a vida social. Levi Strauss (apud FREITAG, 1995) demonstra que qualquer grupo de seres humanos, independente de tempo, época ou região, dita regras de convívio social, sendo que, muitas vezes, essas regras determinam as condutas sociais na maioria das situações. Assim, como qualquer situação social, o acampamento possui determinadas regras de convívio e, até mesmo, uma pequena hierarquia.

Para ilustrar tal hierarquia pode-se considerar que o monitor encontra-se em uma camada acima em relação aos acampantes. Isto se justifica pelo fato de o mesmo monitorar a maioria das ações dos acampantes, como por exemplo: horários, limites espaciais e, até mesmo, poder aplicar certas sanções disciplinares para manter a ordem, como a exclusão de determinada atividade.

Independente das diversas relações de poder, nos dias de convívio em grupo, o que deve ser privilegiado é o diálogo. Tendo o respeito como a base para qualquer relação social, inclusive sendo citado como o principal valor a ser transmitido, a hierarquia (se existente) pode ser diminuída. Uma conduta impositiva e imperativa desrespeitaria a liberdade dos participantes, podendo fortalecer ainda mais a possível hierarquia e infringindo um princípio básico da vida em sociedade: a livre escolha. Assim, é necessário haver respeito e diálogo entre os participantes do acampamento para que possam conviver harmoniosamente.

Após a evidência da importância do respeito, analisam-se, agora, as respostas para a questão 5, em relação a outros aspectos e valores socialmente aceitos, que foram destacados. Em cerca de 10 respostas foram encontrados valores como: ética, educação, responsabilidade, moral e justiça. As respostas dos Sujeitos 24, 25 e 27 à pergunta 5 demonstram estes conceitos.

Justiça, ética, honestidade.
(Sujeito 24)

Nada que interfira na cultura, religião, etnia. Valores básicos da sociedade de respeito bons princípios.
(Sujeito 27)

Educação, comportamento em determinadas situações.
(Sujeito 25)

A importância destes valores socialmente aceitos seria conduzir as ações humanas. Ética, educação, responsabilidade e justiça são princípios morais básicos para a vida em sociedade. Ao se trabalhar com estes conceitos pode-se fomentar o desenvolvimento humano e sociocultural do indivíduo. A própria definição de moral explicita que os conceitos pertencentes à moral de determinada sociedade seriam capazes de ajudar na harmonização da vida humana.

Além de fomentar o desenvolvimento humano, os valores respaldam a prática profissional dos recreadores. Logo, todas as ações durante a estadia devem estar

enviesadas nos valores que pretendem ser transmitidos. O relato do sujeito 10 para a pergunta 5 demonstra a preocupação com o respeito aos diferentes.

A base de tudo é a educação, respeito. Eles passam dias com pessoas diferentes que pensam ou não da mesma forma, onde temos que ser flexíveis.
(Sujeito 10)

A partir de conceitos como respeito, ética, educação, moral, justiça e responsabilidade, pode-se gerar um nível maior de autonomia no participante. Autonomia, segundo Ferreira (2004, p. 233), seria: “1. faculdade de se governar por si mesmo 3. Liberdade ou independência moral ou intelectual 5. Condição pela qual o homem pretende poder escolher as leis que regem sua conduta”.

Partindo desta definição, a autonomia proporcionada no acampamento seria no sentido de preparar o participante para que consiga sobreviver de forma mais independente e não precise de alguém para realizar funções para ele. Este aspecto se caracteriza como um dos principais objetivos dos acampamentos educativos. Sendo evidenciado na resposta a questão 5, onde o recreador foi indagado sobre quais valores esperava transmitir:

[...] eles aprendem a decidir as coisas, desenvolvem criatividade, paciência, autonomia
(Sujeito 15)

A presença de atitudes e condutas de autonomia, respeito, criatividade e cooperação pode demonstrar a magnitude dos recreadores e o que eles podem representar para os acampantes. A autonomia, em especial, é um dos aspectos que os pais mais esperam que os acampantes adquiram durante a estadia. Há um exemplo clássico referente a este elemento, em que a criança que volta de um acampamento, aprendeu diversas coisas, dentre elas, a arrumar a cama e se cuidar, o que, geralmente, surpreende e agrada aos pais.

A autonomia, aliada à criatividade, à cooperação e ao respeito, poderia fornecer ao participante maior desenvolvimento e condições para melhor sobrevivência social. Segundo a Associação Brasileira de Acampamentos Educativos - ABAE (1999) o que é esperado, nos acampamentos educacionais, é que se oportunizem situações desafiadoras, onde possa ocorrer o crescimento do participante em si e do coletivo. A partir destes parâmetros deve ser guiada a conduta do recreador, criando situações

desafiadoras para os acampantes, proporcionando-lhes crescimento pessoal.

Dentro, ainda, da perspectiva dos valores, outro elemento que foi evidenciado como importante por cinco sujeitos foi a honestidade. Os sujeitos 12 e 15 destacam isto nas respostas à questão 5.

São muitos, mas destaco honestidade e cooperação, os quais são muito bem trabalhados em jogos.

(Sujeito 12)

Honestidade e responsabilidade.

(Sujeito 15)

No último relato percebe-se a honestidade atrelada à cooperação. Segundo Brotto (2001, p. 27) cooperação seria um: “[...] processo onde os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os resultados são benéficos para todos”. No caso dos acampamentos educacionais, segundo a Associação Brasileira de Acampamentos Educativos - ABAE (1999), uma das propostas deste setor é estimular a interação e o convívio social. A partir desta perspectiva de cooperação, o recreador consegue mais facilmente transmitir valores e com uma conduta de educador.

O recreador, a partir da inserção destes valores explicitados na pergunta 5, possuiria conduta de educador. Apesar de constituir-se em um ambiente de educação não formal, o que ocorre nos acampamentos educacionais tem alguns pontos em comum com as propostas educativas contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997). Estes foram criados para nortear as ações dos educadores, para que pudessem respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país. Além de considerar a necessidade de construir referências nacionais, comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Dentre os objetivos dos PCN, alguns em especial se destacam pela semelhança ao trabalho realizado pelos recreadores no acampamento, quando feita a comparação.

Quanto aos temas, os PCN propõem alguns conteúdos a serem trabalhados como temas transversais, os quais giram em torno de saúde, pluralidade cultural, ética, meio ambiente e orientação sexual. Os temas de ética, pluralidade cultural e meio ambiente podem ser muito bem trabalhados pelo acampamento, levando em consideração que o acampamento pode propiciar o desenvolvimento de aspectos importantes como respeito à natureza, convívio social, autonomia e respeito mútuo.

O convívio proveniente do ambiente dos acampamentos, além de possuir diversos elementos educativos, faz com que o acampante vivencie experiências com

pessoas de diferentes regiões, hábitos, culturas e, até mesmo, religiões, vivências estas capazes de fomentar o desenvolvimento sociocultural e trabalhar os conteúdos de pluralidade cultural. O contato com a natureza pode fazer com que os participantes atentem à necessidade de respeito e preservação ambiental, além da ética, que poderia ser abordada nas atividades recreativas.

O quadro apresentado a seguir estabelece algumas condutas dos recreadores que vão ao encontro das propostas dos PCNs:

TABELA II – Semelhanças entre propostas do PCN e práticas de recreadores

Propostas dos PCNs	Conduta dos recreadores no acampamento
Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;	Estabelece compromissos e responsabilidades de cada participante para com o grupo, gerando maior autonomia. Cada participante deve cumprir com suas responsabilidades perante o grupo. Estabelece também ambiente saudável para as relações sociais entre os acampantes.
Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;	Promove o diálogo entre os acampantes, até mesmo mediante conflitos internos, ouve os envolvidos e não emite juízo de valor sem ouvir ambas as partes.
Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;	Promove o convívio social entre os acampantes de maneira igualitária, sem distinções, respeitando as diferenças. Além de propiciar o conhecimento à cultura por meio de atividades como: brincadeiras, rodas cantadas, teatro e contação de histórias.
Conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;	Promove à saúde, com hábitos saudáveis, assistência médica e boa alimentação.
Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;	Por meio de relações sociais, esportes, jogos, brincadeiras, atividades recreativas e lúdicas, elucida-se que o bem-estar pessoal passa pelo coletivo

Assim, pode-se perceber as contribuições do acampamento condizentes com os planos educacionais do país. A partir deste cenário pode-se ratificar a importância e o papel educacional e sociocultural dos recreadores. Para atender a esta preocupação educativa, parte-se da premissa da utilização adequada da linguagem e da conduta para a inserção de componentes educativos, identificou-se alguns dos valores que os recreadores esperam transmitir durante o acampamento e as condutas dos recreadores semelhantes a das dos educadores formais.

Contudo, cabe a inquietação de como os recreadores conseguem inserir tais valores. O estabelecimento de um canal de comunicação é fundamental para o sucesso de qualquer ação. Espera-se que o monitor comunique precisamente o que deseja dos acampantes. Diversas situações, durante a estadia, dependem da comunicação eficiente. A comunicação entre as pessoas é gerada por uma fonte, que emite uma mensagem. Esta, por sua vez, chega a um receptor por meio de um canal. O receptor da mensagem gera o *feedback* necessário para a fonte de informação inicial (MORTENSEN, 1979), garantindo que o processo todo foi bem elucidado e a comunicação foi gerada eficazmente.

Atualmente, nota-se grande preocupação com a comunicação nesse ramo profissional, já que, uma das características desses profissionais do lazer deve ser a capacidade de interação com diversos públicos, por meio de linguagem adequada a tal público. Por intermédio desta linguagem, o recreador consegue estabelecer uma relação de respeito com os acampantes.

Durante os dias de acampamento, é de extrema importância e mesmo necessário que os acampantes possam se comunicar com o monitor, pois, ao sentirem qualquer dificuldade, saberão com confiança que podem procurar o monitor para resolver qualquer pendência. Esta comunicação quando é facilitada, torna a aproximação mais acolhedora e com maior qualidade. A conversa caracteriza-se como uma das formas deste canal de comunicação que engendra a transmissão de valores, sendo fator importante durante os dias de acampamento. Esta ocorre por meio de mensagens entre recreador e acampante, em que as mesmas devem ser fluídas para serem compreendidas, trazendo sucesso à comunicação.

Para aprimorar sua capacidade lingüística e potencializar sua ação educativa, o profissional de recreação deve fazer uso de diversos recursos, como, por exemplo, a neurolingüística, que é a ciência que estuda a compreensão e elaboração do discurso. No

âmbito da linguagem, o monitor deveria trabalhar esta parte neurolinguística, aprimorando suas perspectivas, já que, como anteriormente evidenciado, a linguagem pode ser um canal para expressão de elementos educativos. Para tanto, o profissional deve buscar ampliar seus conhecimentos a respeito deste e de outros temas diretamente envolvidos com a prática profissional neste âmbito.

Sendo assim, o recreador deve possuir comunicação clara e eficiente, além da linguagem adequada, para que este canal de comunicação seja considerado uma ferramenta educacional. Principalmente quando os acampantes são de menor faixa etária, pela dificuldade de decodificação correta da mensagem, o recreador deve ser claro e breve com esse públicos de menos idade.

A partir do canal de comunicação estabelecido com os acampantes e o desenvolvimento da linguagem, o recreador pode transmitir valores, além de deixar um bom ambiente durante a estadia, podendo ser este, inclusive, um recurso para a resolução de conflitos. Este canal poderia ser expresso por intermédio de um ambiente em que a conversa, o diálogo e o debate possam ser privilegiados, pois, por meio destes recursos, o recreador pode transmitir valores éticos e morais que pretende.

A ação educativa dos recreadores pode ocorrer em diferentes momentos e situações da estadia, todavia, nos momentos de conflito, esta seria de total importância. A importância da ação educativa se mostra necessária, não apenas para resolução do conflito, mas também, para a manutenção do canal de comunicação e ambiente agradável entre o grupo.

A partir disto, a pergunta 7 abordou a conduta perante conflitos entre os acampantes. O desrespeito entre os acampantes, quando acontece, pode acarretar brigas e até conflitos físicos. Na mesma perspectiva de conflito, a pergunta 9 trata a outra esfera, quando o desrespeito e/ou desacato acontece em relação ao monitor. Ambas tentam identificar como os recreadores agem mediante aos conflitos. Além disto, procura verificar se na ocorrência dos problemas os recreadores procuram reforçar as atitudes e valores que respaldam a prática profissional evidenciados nas perguntas 4 e 5 por eles próprios, ou seja, se possuem discurso condizente com a prática.

Na análise das respostas às questões 7 e 9 do questionário, notou-se a presença constante da palavra conversa. O gráfico apresentado a seguir demonstra tal condição:

Utilização da palavra conversa nas respostas para a pergunta 7

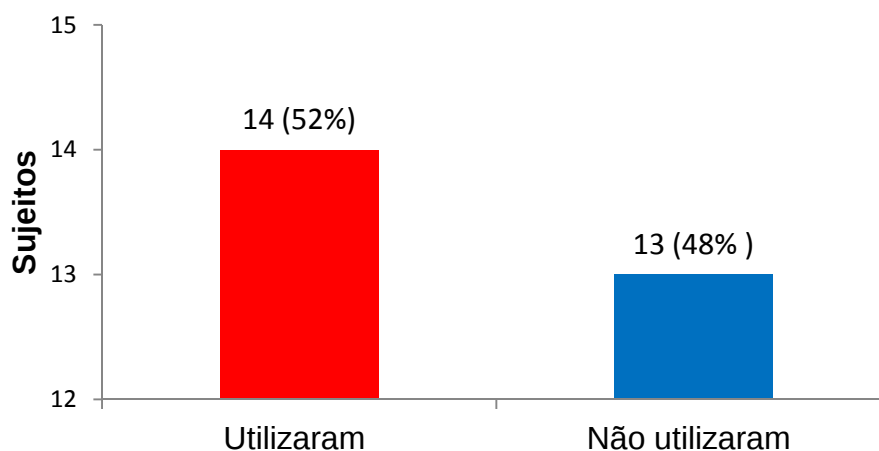


FIGURA 3. Utilização da palavra conversa nas respostas para a questão 7

Para a resolução de problemas, nas respostas de quatorze sujeitos para a pergunta 7 percebe-se a utilização da conversa como estratégia de mediação, sendo esta a estratégia mais utilizada. As outras treze respostas, apesar de não utilizarem a palavra conversa, demonstram a inserção de valores, priorizando o desfecho positivo da situação com possível tomada de consciência. Estas situações ficam evidentes nas respostas dos sujeitos 2, 11, 17, 22, 23, 27.

Atuo com firmeza e explico onde o acampante errou e como poderia melhorar.
(Sujeito 2)

Proponho a se colocar no lugar do outro e verificar onde faltou o respeito. O que fazer para melhorar uma próxima vez.
(Sujeito 11)

Sempre tento intervir para que tenha um desfecho positivo.
(Sujeito 17)

Escuto o que houve de todos os lados e tento entrar em um consenso com os envolvidos sobre o que foi certo e errado.
(Sujeito 22)

Tento intervir mais tranqüila possível e tentar por um fim ao problema.
(Sujeito 23)

Tento apasiguar, entrar num consenso, demonstrar alguns valores de amizade.
(Sujeito 27)

A preocupação em desfecho positivo é ainda maior nos momentos conflituosos entre acampantes, os recreadores procuram ouvir e conversar sempre com as duas partes envolvidas no conflito buscando solução adequada, como fica explícito nos relatos dos sujeitos 1,5, 16, 19, 21, 22 e 25 para a pergunta 7.

Escutar as partes e resolvemos juntos.
(Sujeito 1)

Tento ouvir as partes conflitantes, ou seja, quem está envolvido no problema e demonstro, ou melhor faço que ela pense como seria estar no lugar da outra pessoa.
(Sujeito 5)

Sentando com os envolvidos, deixando cada um por vez falar e explicar de forma que atenda a necessidade do caso e com linguagem adequada.
(Sujeito 16)

Tento solucionar o problema através da conversa, tentando mostrar porque não vale a pena tal indisposição com o colega, dar uma solução para o caso e tentar fazê-lo entender e superar o problema.
(Sujeito 19)

Tento conversar e juntar os lados e entrar em um acordo.
(Sujeito 21)

Escuto o que houve de todos os lados e tento entrar em um consenso com os envolvidos sobre o que foi certo e errado.
(Sujeito 22)

De forma a tentar resolver estes problemas, buscando algumas alternativas sempre usadas, principalmente através da conversa.
(Sujeito 25)

Neste caso, o diálogo entre recreador e os envolvidos no conflito deve ser claro e respeitoso. Elucidando essa característica de domínio da linguagem do monitor, têm-se as afirmações dos sujeitos 3, 14 e 20 para a pergunta 7:

Converso com eles para entender o problema e tento mostrar as atitudes que devem ser tomadas para resolver a situação.
(Sujeito 3)

Sempre conversando, tentando entender ambas as partes e tentar resolver os problemas.
(Sujeito 14)

Converso com eles procurando resolver os problemas, caso não consiga passo para algum professor/superior.
(Sujeito 20)

Na conversa com ambas as partes o recreador desempenha o papel de mediador do diálogo. Esta função principalmente nos momentos conflitantes entre as crianças é essencial, caracterizando-se como uma conduta de educador. Neste papel, o recreador deve procurar sempre o diálogo, investigando a origem do problema e não emitindo juízo de valor antecipadamente. Assim, fica caracterizada a imparcialidade.

Além de ouvir ambas as partes, o recreador deve promover a reflexão, o que ficou patente nos relatos dos sujeitos 6, 8, 9 e 10 para a pergunta 7:

Promovendo momentos de reflexão com ênfase no respeito.
(Sujeito 6)

Com muita conversa em separado e até junto também, tenta fazer os dois enxergarem que não leva a nada.
(Sujeito 8)

Converso muito e com calma, mostrando sempre os dois lados da situação e tento fazer ambos pedirem desculpa.
(Sujeito 9)

Procuro conversar, uma boa conversa ajuda muito, como eu disse, eles tem que ser flexíveis, temos que resolver um problema para que ele não cresça.
(Sujeito 10)

A palavra reflexão, segundo Ferreira (2004, p.1215), é proveniente do latim *reflexione* e significa: “2. Volta da consciência, do espírito sobre si mesmo, para examinar o seu próprio conteúdo por meio do entendimento da razão 4. Consideração atenta, prudência, tino, discernimento, 5. Ponderação, observação, reparo”. Assim, pode-se considerar a reflexão como a ação de re-pensar, re-considerar, re-examinar, de forma nova e mais coerente, as condutas. A partir desta reflexão os participantes podem ser levados a mudanças de atitude e de conduta.

Quando o recreador propõe a reflexão, gera um processo interno, que leva a questionamentos, aspecto essencial na mudança de atitude do acampante e, possível, pode gerar mudança em suas concepções e comportamentos.

Em sua função educativa, talvez este seja o principal momento para o recreador, pois, além de mediar a conversa e solucionar o problema, o exercício da reflexão traz consigo subjacente uma perspectiva de mudança. A reflexão pode, então, ser causada a partir da proposta do recreador, quando ocorre alguma situação oportuna, no caso, principalmente, de conflitos, como na resposta do sujeito 11 para a pergunta 7:

Proponho a se colocar no lugar do outro e verificar onde faltou o respeito. O que fazer para melhorar uma próxima vez.
(Sujeito 11)

O trecho demonstra a reflexão como um meio para melhor conduta no futuro. Assim como propôs em sua palestra no ENAREL Marcellino (2009), o profissional deve: “[...] exercer a filosofia como processo e não produto”. Partindo deste pressuposto, de exercer a reflexão no processo de trabalho, a conduta do recreador é algo importante em termos educativos e axiológicos.

Se o recreador é capaz de promover a mudança de atitude por meio da reflexão, pode-se ter a esperança, assim como evidencia Marcellino (1990, p. 14) que uma possível “transformação da ordem social” ocorra no campo das atividades do contexto do lazer. Nessa mesma perspectiva, Schon (2000) apresenta suas contribuições, salientando detalhes da conduta de um profissional reflexivo. O recreador de acampamentos, dentro na perspectiva reflexiva, deve pensar antes, durante e após a sua prática, para conseguir melhor desempenho na esfera profissional.

O profissional reflexivo seria capaz de conversar e buscar as soluções adequadas, sem perder a calma. Assim, mediação de conflitos, por intermédio do diálogo, imparcialidade e da reflexão, elucida o poder educativo da linguagem. Ratificando esse pensamento, para conseguir desempenhar sua função educativa atendendo às diversas faixas etárias, o recreador deve possuir grande domínio das formas de transmissão da linguagem e possuir conduta educativa, especialmente quando houver desrespeito.

Quando isto ocorre, o recreador deve apresentar conduta adequada, pois com base nesta situação, também é possível transmitir valores educativos. A conduta adequada do recreador é fundamental, tendo em vista que esta é observada a todo o momento pelos acampantes, em situações de pequena ajuda momentânea, ou em uma atenção especial, em caso de saudade dos pais por parte do público de menor idade. Estas condutas logo viram exemplos, sendo, portanto, imprescindível condizer com o discurso.

Neste sentido, a pergunta 9 tem o objetivo de identificar a conduta dos recreadores mediante o desrespeito em relação a figura do monitor. Na análise das respostas para a pergunta 9, algo que chamou a atenção foi a ocorrência da palavra conversa em 17 respostas.

O gráfico a seguir apresenta tal fato:

Utilização da palavra conversa na resposta para a pergunta 9

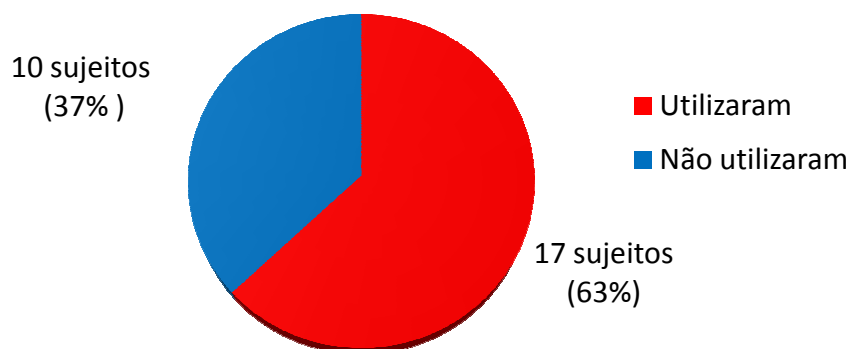


FIGURA 4. Utilização da palavra conversa na pergunta 9

Embora as outras respostas não tenham utilizado necessariamente a palavra conversa, demonstravam a conduta semelhante de manter o respeito para com o acampante. Os sujeitos 22 e 23 apontaram isto em suas respostas:

Manifesto a indignação e mostro uma alternativa para que isso não se repita.
(Sujeito 22)

Explicar que não é necessário, afinal o monitor sempre trata com respeito, perguntar o porquê da atitude, tentar entender e colocar um limite.
(Sujeito 23)

Nos momentos onde ocorre desrespeito para com o recreador, a demonstração de respeito na conduta do mesmo é fundamental. Quando isto ocorre, espera-se que, a partir da linguagem, a situação possa ser resolvida. Conversar com o acampante e não se alterar demonstra respeito e equilíbrio emocional

Por esta característica de resolução de conflitos, o acampamento se torna um espaço de diálogo, uma oportunidade de desenvolvimento do senso crítico e de autonomia do participante, pois no ambiente do acampamento, a conduta é contra o tipo de autoridade geralmente imposta nas salas de aula pelos professores, onde os mesmos buscam, de forma autoritária, ter controle sobre as situações. Não se busca o diálogo

como resolução de problemas, diferentemente dos recreadores no espaço do acampamento (MARCELLINO, 1994).

Corroborando esta característica, nas respostas para a pergunta 9, quando os recreadores foram indagados sobre a conduta frente ao desrespeito pelo acampantes, os sujeitos 1, 5, 7, 8, 10, 15 e 16 apontaram a importância da conduta de conversar com os acampantes como o que seria correto:

Através de conversa e demonstrando o correto.
(Sujeito 1)

Acredito que conversando e demonstrando o que não foi legal em sua conduta, pode-se conseguir um melhor relacionamento.
(Sujeito 5)

Conversa, mostrando os pontos em que o desrespeito esteve presente.
(Sujeito 7)

Com muito respeito e conversa.
(Sujeito 8)

Antes de tudo conversar e procurar saber o porquê, se não conseguir solução peço para alguém me ajudar.
(Sujeito 10)

Intervir mostrando o certo e o errado com uma conversa.
(Sujeito 15)

Conversa firme, sem perda de respeito e mostrando que não faço isso, além de que ele não gostaria de receber isso.
(Sujeito 16)

Como demonstram os sujeitos, mais uma vez, o recreador pode inserir valores sociais por meio do diálogo, mesmo em momentos conflitantes, além disto, está desempenhando o papel de educador. Utilizando de uma conduta adequada, que inclui a conversa, o recreador pode levar o acampante ao processo de reflexão e, conseqüentemente, pode exigir melhoria na postura do mesmo. Esta situação pode ser evidenciada na resposta dos sujeitos 3 e 19 para a pergunta 9.

Paro o que estou fazendo e falo com ele que não gostei do que falou ou fez, falo para se colocar no meu lugar e ver que é muito ruim.
(Sujeito 3)

Tudo é uma questão de conversa. Trata-los com cortesia e tentar fazer o indivíduo entender os porquês e como deve agir.
(Sujeito 19)

O recreador pode transmitir pela conduta todos os valores que transmite pela linguagem. Como já apresentado nas figuras 3 e 4, as respostas de 14 sujeitos na pergunta 7 e de 17 sujeitos na pergunta 9, evidenciaram que, nos momentos de brigas entre os acampantes e de desrespeito para com o recreador, a conduta do recreador pode ser determinante na situação. As 31 respostas das perguntas 7 e 9 que utilizaram a palavra conversa demonstraram conduzir a situação com diálogo e conversa com os envolvidos. Na análise das questões, percebeu-se a conduta consciente dos recreadores no sentido de sempre procurarem o diálogo para a resolução de conflitos.

A habilidade em resolução de conflitos deixa o ambiente mais agradável e facilitaria as relações, principalmente com os acampantes. Por um curto período de tempo, o recreador deixa de ser um estranho e passa a ser um novo amigo. Esta amizade construída pode ser algo significativo no futuro de cada participante, a partir disto o monitor acaba sendo exemplo, alguém a ser seguido. Por este fato, os participantes acabam valorizando ainda mais a figura do monitor, além do fato de ser alguém próximo e não possuir imagem negativa, como, não raro, aquela construída pela figura dos pais. Para ilustrar essa perspectiva, o sujeito 18 demonstra a construção da amizade mesmo em situações conflituosas na resposta à pergunta de número 9:

[...] converso e mostro que não estou ali para escutar coisas como essas, procuro fazê-lo entender o porquê das minhas ações e mostrá-lo o meu interesse em tê-lo como amigo.
(Sujeito 18)

A partir disto, o monitor acaba se tornando uma figura a ser seguida. Sendo assim, uma segunda forma de transmissão de valores seria por intermédio do exemplo. A sua conduta positiva seria capaz de influenciar aos outros. Este aspecto ficou evidenciado, na unanimidade entre os participantes da pesquisa quando indagados se poderiam contribuir positivamente na mudança de atitude dos acampantes.

Com base nessa consciência sobre ser um possível exemplo a ser seguido, os profissionais passam a ter maior responsabilidade perante suas próprias ações. Sendo assim, tentam ter a imagem vinculada a valores positivos, podendo, até mesmo, apresentar-se como uma estratégia para a resolução de um conflito.

Conforme evidencia o referencial teórico construtivista de Piaget (1971), geralmente, a maioria dos acampantes está no estágio de desenvolvimento denominado de operatório concreto (por volta de 11 anos). Este estágio é caracterizado pelo acúmulo de informações e conhecimentos sistematizados na escola e pelo início do

discernimento entre certo e errado. Neste período, a figura de exemplo do monitor pode contribuir significativamente com as concepções da criança. O monitor pode, além de transmitir, reforçar alguns valores socialmente aceitos.

Levando em consideração ainda o referencial teórico construtivista, a criança também gera conhecimento. A racionalidade dá um papel ativo e não passivo na obtenção do conhecimento, como outras abordagens pedagógicas consideram. Assim, o recreador pode influenciar positivamente reforçar, gerar e esclarecer alguns conceitos para os participantes. Dentro desta perspectiva, quando o recreador é desrespeitado (Pergunta 9) utiliza recursos aliados à própria conduta como exemplo, como demonstram os sujeitos 6, 9, 11 e 12.

Faço um paralelo com a minha conduta para com eles, ou seja, se eu não falto com respeito exijo uma conduta semelhante comigo.
(Sujeito 6)

Sempre jogando o fato de que eu nunca faltei com respeito para com ele e se ele gostaria de ser tratado assim.
(Sujeito 9)

Mediar sem ser grosseira, e proponho a situação inversa evidenciando a falta de respeito e cobrar melhora na próxima vez.
(Sujeito 11)

Ir direto ao foco e conversar, mostrando que o que estão fazendo não é correto e dizendo: e se fosse com vocês?
(Sujeito 12)

A partir da comparação de condutas aliada à reflexão e inversão de papéis, os recreadores podem trabalhar a questão do desrespeito. O profissional que consegue perceber o valor desta relação de exemplo-reflexão insere-se no perfil esperado da animação sociocultural, além de promover a vivência de atividades do contexto do lazer condizentes com a procura do participante.

O sujeito 12 reafirmou a importância de se valorizar um bom exemplo. O sujeito 23 apresenta o conceito de moral, já o sujeito 24 apresenta ética, justiça e honestidade, sendo que ambos são conscientes da valorização da figura de exemplo criada pelos acampantes em relação ao monitor:

[...] muitas vezes por termos o perfil de recreador, somos admirados pelos acampantes, logo eles nos tem como exemplo.
(Sujeito 12)

O monitor se torna uma figura exemplo para o acampante, podendo influenciá-los positivamente a não fazer algo que a sociedade julgue errado por exemplo.
(Sujeito 23)

Sim, servindo de exemplo para eles, além de mostrar-lhes valores como justiça, ética, honestidade.
(Sujeito 24)

A proposta do binômio exemplo-reflexão deve ser no sentido de proporcionar crescimento no nível pessoal, além de liberdade, responsabilidade, autonomia, respeito e uma série de valores. A partir dos dados elucidados pode-se compreender como os recreadores acreditam transmitir os valores que enviesam sua prática profissional. Na análise dos aspectos educativos pode-se perceber a consciência dos recreadores em procurar sempre o diálogo, utilizar os valores que enviesam sua prática profissional. Com esta conduta demonstram respeito para com os acampantes, até quando o inverso não acontece. Assim, pode-se dizer, dentro da estrutura aqui elaborada, que os recreadores possuem discurso condizente com a prática e utilizam os valores que respaldam sua prática profissional.

Evidentemente, cabe salientar a limitação do estudo em não observar a prática dos recreadores. No que concerne às respostas, a transmissão de valores ocorre, basicamente, pela conduta e linguagem, sendo aspectos decisivos para a atuação do recreador, na conduta de propor o binômio exemplo-reflexão e, ao mesmo tempo, ser exemplo e propor a reflexão, com base na linguagem como um canal de comunicação estabelecido, que engendra os valores socialmente aceitos e aspectos educativos.

Por fim, pode-se estabelecer algumas semelhanças com a conduta do profissional reflexivo, pois os recreadores demonstraram o respeito como sendo o principal valor a ser transmitido. Em situações onde não são respeitados, conseguem respeitar os acampantes e manter o diálogo. Apesar de não se constituir como um espaço formal, a conduta de educador, condizente com as políticas educacionais nacionais, por diversas vezes, pode ser elucidada durante as respostas dos recreadores. Todavia, existe, também, a possibilidade de transmissão de valores e condutas, por meio de atividades recreativas, aspecto analisado no próximo eixo.

6.3. EIXO PRINCIPAL II- ASPECTOS RECREATIVOS

O eixo denominado “Aspectos Recreativos” abordou as questões sobre os fenômenos ligados e decorrentes do lazer. Para isso, foi necessário analisar, inicialmente, o ambiente informal onde ocorreram as relações durante o período de acampamento. O gráfico a seguir demonstra a opinião compartilhada entre os participantes do estudado em relação à pergunta 6, que indagava quanto à possibilidade educativa por meio da recreação.

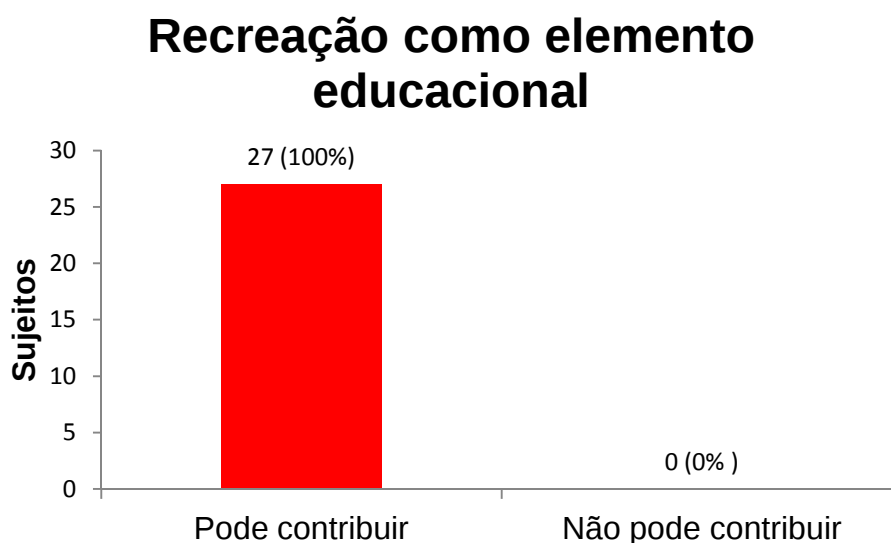


FIGURA 5. Respostas para a pergunta 6

Quando indagados na pergunta 6, sobre o elemento educacional da recreação, ficou evidente, para todos os 27 participantes, a possibilidade de a recreação poder ser um elemento educativo. Esse aspecto evidenciou-se nas falas dos sujeitos 1 e 3, em que a educação foi tratada associada a esse ambiente recreativo e agradável:

[...] uma maneira de educar com práticas diferenciadas, lúdicas e divertidas.
(Sujeito 7)

Sim, pois as crianças aprendem brincando.
(Sujeito 15)

Schwartz (1997) salienta a importância de um ambiente lúdico, que propicie a criação, emoção, intuição, quebra de paradigmas, criando, assim, uma elevação do humor, autoconfiança e contribuindo na facilitação do aprendizado.

As respostas dos sujeitos 4, 19, 24, evidenciam esse caráter educativo das atividades de recreação.

Sim, como já citado acima acredito na potência educacional do lúdico, que permite o recreador criar e recriar dentro de qualquer limite.
(Sujeito 4)

Sim, Através da recreação a criança além da diversão pode se conscientizar através de projetos e brincadeiras específicas com temas como lixo, poluição e também aprende a cooperar e conviver em grupo.
(Sujeito 19)

Sim, por meio da recreação você aprende vários valores, além de poder absorver diversos conteúdos mais facilmente.
(Sujeito 24)

As opiniões dos Sujeitos 19 e 24 demonstram a plena consciência em trazer algo a mais vinculado às atividades. Esta visão mais ampliada sobre a potencialidade das atividades lúdicas como estratégias de educação é contrária àquela que vê o profissional da recreação como mero reproduzidor de atividades (MARCELLINO, 1990). Superando essa idéia, o profissional cria sua própria autonomia como educador, sendo capaz de melhorar as relações no ambiente do acampamento. A partir desse cenário melhor, as relações inter-grupos se estreitam.

Do ponto de vista da psicologia, o fator de coesão grupal é fundamental no objetivo de um grupo. Quanto mais coeso for o grupo, mais fácil atingir determinada meta (HERNANDEZ; GOMES, 2002). A partir desta perspectiva surge a possibilidade de desenvolvimento nos níveis pessoal e grupal, especialmente se o profissional exercer uma conduta autônoma nas decisões.

A autonomia na atuação perpassa questões educativas, contudo, vai além das mesmas. Estes espaços educativos apresentam também a preocupação em abordar o lazer em sua totalidade. Para tal, levam em consideração seus conteúdos culturais na elaboração da programação das atividades realizadas, assim como propõe (STOPPA, 1999).

Segundo a divisão dos conteúdos culturais do lazer elaborada por Dumazedier (1979), agregando-se as contribuições de Camargo (1998) e Schwartz (2003), existem sete interesses culturais do lazer, sendo eles: físico-esportivos, manuais, intelectuais, artísticos, sociais, turísticos e virtuais. No âmbito do acampamento, o interesse físico-desportivo apareceria nos esportes tradicionais, de aventura, gincanas e jogos pré-desportivos. As oficinas de artes e confecção de brinquedos representam o interesse

manual do lazer. Já o interesse intelectual aparece nas gincanas musicais, culturais e enigmas. O interesse artístico é evidenciado nas apresentações e contação de histórias. As brincadeiras proporcionadas, rodas cantadas e jogos cooperativos representariam o interesse social (ALVES; CHAMILIAN, 2004). Além destes, o interesse virtual poderia estar representado pela utilização de recursos tecnológicos e midiáticos, além da Internet, para gincanas ou jogos *online*.

Assim, o acampamento se constitui a partir de seu aspecto recreativo como uma alternativa para o desenvolvimento autônomo do indivíduo. Podendo ser uma proposta de educação para e pelo lazer, corroborando a proposta de Marcellino (1990). Partindo deste cenário, os profissionais envolvidos com acampamentos parecem exercer sua intervenção em um ambiente para o qual esse profissional deve possuir um perfil peculiar, que pode auxiliá-lo em diversas situações. Ambos os aspectos referentes ao ambiente e a esse perfil peculiar, têm relação direta. Devido a este perfil peculiar, o recreador pode assumir algumas características de atuação

Segundo Chamlian (2005), dentre outras tarefas, o recreador de acampamento deve: executar atividades recreativas, criar e promover atividades lúdicas estimulando a participação. Para desempenhar tais funções, acrescentando ainda os aspectos educacional e sociocultural, o recreador deve ter como característica deste perfil peculiar a utilização consciente de estratégias educacionais, sendo que o jogo pode ser uma destas estratégias educacionais.

Um aspecto educativo muito trabalhado por meio dos jogos nos acampamentos, e que merece destaque é a questão referente ao comportamento competitivo na sociedade. Dentro desta perspectiva, o profissional deve saber sobre a sociedade e quais os valores da mesma. A sociedade atual nasce sob a ótica da competição. Contudo, a tarefa dos acampamentos educacionais é proporcionar a cooperação e convivência social como salienta a ABAE (1999).

Quando Charles Darwin (1859), no início do século XX, com a “Teoria da Evolução das Espécies”, elabora a tese de que os seres vivos mais desenvolvidos sobreviveriam e os menos desenvolvidos fracassariam, fica patente a idéia de competição entre as espécies. Por meio de diversas instituições, este discurso foi disseminado. Esta teoria e suas repercussões pode ser a justificativa utilizada de superioridade de algumas classes perante outras, criando-se, assim, um cenário de imensa diferença e competição, que, em valores exacerbados, foi transmitida à esfera humana, inclusive, como justificativa de massacre e opressão a povos considerados

inferiores. Além disto, a competição traz a valorização do produto e não do processo, proposta esta que vai contra os objetivos dos acampamentos.

Mesmo com diversos aspectos negativos associados ao componente competitivo, valores positivos podem ser diferenciados no âmbito da competição, merecendo cuidado do recreador, ao inserir as atividades que comportem essas características. No sentido de não exacerbar esses valores competitivos, os recreadores devem demonstrar, durante os jogos, a importância de disseminação de conceitos como: cooperação, respeito à natureza e ao próximo, trabalho em equipe, organização, cidadania, autonomia, interação, formação de caráter, diversidade e convívio social (ABAE, 1999), salientando que a competição deve ser encarada apenas como parte do prazer de jogar.

Os recreadores dos acampamentos lidam com as questões competitivas por meio de jogos como estratégia educativa. Uma das atividades muito frequentemente utilizadas nesse ambiente são os jogos cooperativos. A principal característica dos jogos cooperativos é o objetivo comum do(s) grupo(s), em que se devem elaborar em conjunto as estratégias que auxiliem para a realização do objetivo. Estes jogos surgem da necessidade de diminuição da competição exacerbada, principalmente presente nos países ocidentais, propondo melhor análise dos valores competitivos arraigados na sociedade.

Nos jogos cooperativos ocorre maior sensibilidade a solicitações, maior produtividade em termos qualitativos, tendo em vista que o jogo se torna mais agradável a todos, além de proporcionar a participação efetiva de todos do grupo. Os jogos estritamente competitivos, por sua vez, criam situações onde há a inviabilidade de que ambos os grupos alcancem seus objetivos, há grande nível de hostilidade, pouco envolvimento dos elementos menos habilidosos, alto nível de tensão e o jogo é desagradável para quem perdeu.

A redução da competição seria necessária para viver em um mundo em transformação e os jogos seriam uma ferramenta importante no processo de sensibilização a este respeito (BROTTO, 2001). O autor ressalta que, dentro dessa premissa, não há a intenção de se acabar com a competição, mas, de valorizar outros aspectos com consciência de quando se deve competir e quando cooperar. Por estas razões, os jogos cooperativos são estimulados dentro das atividades do acampamento.

A cooperação no ambiente de acampamento é imprescindível, pelo fato de os acampantes conviverem no mesmo espaço por tempo prolongado. Esta situação requer que cada acampante permaneça em seu espaço e não prejudique o espaço alheio, mas

que reconheça os espaços comuns a todos.

A partir deste cenário, fica evidente o poder de socialização promovido na esfera do acampamento. O fato de estarem sem os pais, para muitos acampantes, pode representar o nível máximo de socialização. Estar em um ambiente em que a maioria das pessoas tem a mesma faixa etária, podendo conhecer novas pessoas e estabelecer um círculo social maior, tudo isto em meio à natureza, com diversas atividades, conforto, segurança e boa alimentação, efetivamente, representam condições ideais para o desenvolvimento social.

O poder de socialização da recreação também deve ser evidenciado. Nessas atividades sempre há preocupação na divisão de equipes, para que não haja um desequilíbrio de condições. Não somente isto, mas também, a diversificação das equipes, é uma estratégia muito utilizada. Esses elementos foram evidenciados em 6 respostas. O sujeito 6, respondendo à pergunta 6, demonstra este fenômeno:

Sim, a recreação proporciona socialização.
(Sujeito 6)

Brotto (2001) demonstra a necessidade de se trabalhar, simultaneamente às atividades, algumas habilidades humanas essenciais, tais como criatividade, confiança mútua, auto-estima, respeito e aceitação, espírito de grupo, bom humor. Assim também pensa Orlick (1989), já que evidencia que situações podem apresentar fins humanizadores e desumanizadores. Os fins e os meios de situações específicas devem ser analisados antes da análise de sua relevância. Uma relação humanizadora possuiria valores como: compaixão, cooperação, compreensão, amizade e amor. Já nas relações desumanizadoras há: “falta de compaixão, descaso com o sofrimento alheio, hostilidade e desvalorização com valores humanos” (ORLICK, 1989, p. 76)

A caracterização deste perfil peculiar não acontece somente pela abordagem educacional dos jogos como componente do seu perfil peculiar. Outra característica desse perfil específico em ambiente adequado é a facilidade de aproximação com o grupo. Geralmente, os grupos de acampantes já se conhecem e a figura alheia ao grupo é o recreador. Este deve se inserir nesse grupo e, a partir deste contato inicial, o recreador, aos poucos, consegue se estabelecer. Deve demonstrar inicialmente e de forma sincera, querer ser alguém agradável e interessado na amizade dos participantes. A partir daí, começa a fazer parte do grupo, criando um ambiente saudável e propício para que sua ação educativa se desenvolva.

A inserção do recreador no grupo gera um ambiente mais agradável, pois o mesmo consegue facilitar as relações interpessoais ali presentes. O estabelecimento desse ambiente mais agradável facilita o trabalho durante a estadia. A contribuição de um ambiente agradável no acampamento e a participação efetiva e peculiar do recreador mostra-se no relato do sujeito 9:

[...] temos casos de acampantes bem como crianças que animei festas, eram muitas vezes sem educação ou fechados, ou com problemas de relacionamento que melhoraram muito o convívio no acampamento ou com outras crianças.
(Sujeito 9)

Este ambiente recreativo, o qual estreita as relações interpessoais dos acampantes, em que o profissional tem autonomia e consciência para lidar com os aspectos educacionais de modo lúdico, contribui também na aquisição de valores. Portanto o ambiente gera desenvolvimento, tanto pessoal quanto coletivo.

Fica evidente a contribuição educacional do acampamento e dos recreadores que nele trabalham, de modo peculiar. Para que isto aconteça o profissional da recreação não pode somente reproduzir as atividades de modo frio e sem perspectiva, mas deve buscar a aproximação, com a perspectiva de proporcionar a educação por meio do lazer. Esse potencial educativo do lazer já tem respaldo na literatura, por intermédio dos estudos de Marcellino (1984; 1990), os quais evidenciam a função do lazer em propiciar condições para que os indivíduos possam viver de forma mais prazerosa, entretanto, sendo consciente do sistema ao qual pertencem e de que, a partir do lazer, se possa questionar aspectos econômicos e sociais, enfim, questionar sua própria realidade. A partir daí, os envolvidos poderiam ocasionar a chamada: “[...] nova ordem moral e intelectual” (MARCELLINO, 1990, P. 64).

Além das mudanças notadas em relação aos acampantes, os recreadores também sentem, reciprocamente, que ocorrem alterações, tendo em vista uma atuação adequada no período do acampamento, como evidenciado no trecho da resposta do sujeito 27:

Sim, escuto relatos de mudanças de pessoas, tiveram momentos em acampamentos que tiveram alguma interferência em seus valores.
(Sujeito 27)

Nesse relato do sujeito 27, as mudanças pessoais ocorrem de ambos os lados, especialmente decorrente de uma correta atuação no ambiente do acampamento,

baseada no perfil peculiar do profissional ali atuante. Torna-se importante sensibilizar os recreadores sobre estes elementos, para que sua atuação possa atingir a perspectiva educativa com reciprocidade.

Consciente de suas responsabilidades educativas, o profissional autônomo procura sempre se preparar e inserir novas práticas para a atuação profissional. A terceira pergunta elucida a existência de preparação para atuação profissional, a fim de que o recreador possa planejar, analisar e refletir sua atuação, assim como propõe Schon (2000).

Você se prepara de alguma forma para ser recreador?

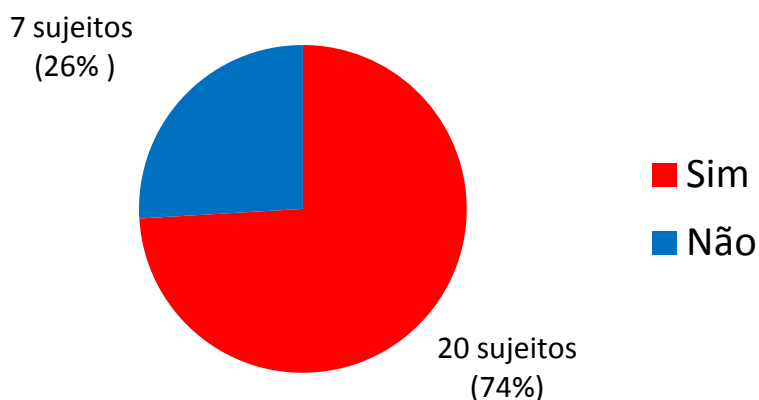


FIGURA 6. Respostas para a pergunta 3

Para 74 % dos participantes do estudo foi evidenciada a preparação para a atuação. Os sujeitos 17, 23, 27 apresentaram algumas condutas interessantes em relação à preparação:

Sim, sempre busco novas atividades, brincadeiras, músicas para aplicar futuramente.
(Sujeito 17)

Sim, lendo historias, assistindo filmes de e para crianças.
(Sujeito 23)

Sim, conforme o grupo, faixa etária, tentando trazer coisas novas e pertinentes.
(Sujeito 27)

Existem diversas formas de preparação para a atuação, todavia, somente a preparação não garantirá resultado. Faz-se necessária uma boa atuação durante a

estadia, desde detalhes técnicos da função de recreador, até prevenção para situações extremas. Os profissionais que se preparam para a atuação podem perceber mais precocemente diversas situações, tais como: problemas e conflitos e até mesmo acidentes físicos, do que aqueles que não se preparam. Esta percepção mais aguçada pode gerar reflexão prévia, a qual possibilita minimizar problemas e riscos maiores.

Dentro desta premissa, o planejamento das ações contribui para a melhoria do serviço prestado, além de evitar a improvisação (SALLES; MAZZA, 1996). A improvisação pode ser caracterizada ou julgada, não como um aspecto positivo e esporádico, no sentido de agregar conteúdo a alguma atividade, mas sim, em uma falha de formação e competência de gerenciamento de situações do profissional, podendo causar uma desvalorização, tanto profissional quanto social.

Para contribuir nessa reflexão a respeito da preparação e da competência de ação, pode-se levar em consideração as idéias de Schon (2000). Para esse autor, a competência profissional e o conhecimento profissional não estão intimamente ligados e sua proposta é a de ver a questão sobre outra ótica, pois, segundo ele, não se deve perguntar como o profissional deve utilizar o conhecimento científico, e sim, o que ele pode aprender, a partir do que o autor chamou de talento artístico. O conceito de talento artístico apregoado pelo autor é a competência de cada profissional, mesmo que esta possa estar ligada à racionalidade técnica (SCHON, 2000).

Logo, a preparação não está estritamente ligada com a formação, nem apenas com a prática, todavia a preparação seria importante para aumentar, tanto o conhecimento, como proporcionar renovação do profissional durante a atuação. Para ampliar essa perspectiva, Marcellino, em sua palestra no Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL 2009), propõe que o profissional do lazer deve: “[...] criar autonomia a partir da visão concreta do lazer”.

Este processo envolve possuir formação geral (conhecimento) e alcançar os níveis de criatividade (talento artístico, ou competência), fazendo com que o profissional seja responsável por sua prática. Entretanto, estes aspectos parecem não estar, ainda, assimilados em todas as práticas dos profissionais participantes do estudo, já que 7 sujeitos (26%) salientaram não se prepararem para a prática. Os sujeitos 2 e 3, por exemplo, salientam não estar preparados para a prática, em suas respostas:

Não. Busco passar minhas experiências e valores, do meu jeito. Sem precisar forçar situações.
(Sujeito 2)

Não. Eu espero os acampantes chegarem e vejo como eles são para poder tratá-los como acho que vão aceitar melhor.
(Sujeito 3)

Já os sujeitos 4, 5, 7 fazem parte dos 20 sujeitos (74 %) que se preparam para a prática profissional. Estes se preparam antes da atuação por intermédio de conversas com outros profissionais, estudando alguns temas e observação. Esses aspectos foram evidenciados em suas respostas para a pergunta 3, sobre a preparação para a atuação:

Sim, porém na maioria das vezes penso em atividades, mas na maior preparação em focar e sentir o momento de aplicá-las.
(Sujeito 4)

Sim, Lendo algumas coisas sobre o assunto, trocando idéia com outros recreadores sobre atividades, jogos, brincadeiras.
(Sujeito 5)

Sim, Leituras, reuniões e observação.
(Sujeito 7)

Ainda na pergunta 3, o sujeito 9 apresenta um perfil próximo do destacado por Marcellino (2009), em relação à autonomia na prática profissional, quando procura trazer novas situações para o campo de atuação:

Sim, sempre busco inventar jogos e pesquisar brincadeiras para todas as faixas etárias.
(Sujeito 9)

A partir dos dados apresentados pode-se inferir que os profissionais possuem consciência sobre a necessidade de preparação, para que o recreador possa criar autonomia e não ser somente um reproduzidor de atividades, “tarefeiro” (MARCELLINO, 1990). A necessidade da preparação perpassa por questões gerais e específicas, dentre as específicas destaca-se a inserção de inovações, que demonstram a consciência sobre a autonomia citada por Marcellino (1990).

A questão que abordou a temática foi a pergunta 8. Quando os profissionais foram indagados se inseriam inovações e, em caso afirmativo, como fariam tais inserções na prática profissional. As respostas são as seguintes: 11 % (3 sujeitos) inovam de forma gradativa, 22% (6 sujeitos) inserem de forma espontânea. Para 15% (4 sujeitos) as inovações são criadas, somente para 8% (2 sujeitos) a partir de estudos. Somente 1 sujeito (3%) não especificou como insere as inovações. Para 41%, a maioria

dos sujeitos, as inovações são provenientes de adaptações, totalizando 11 respostas.

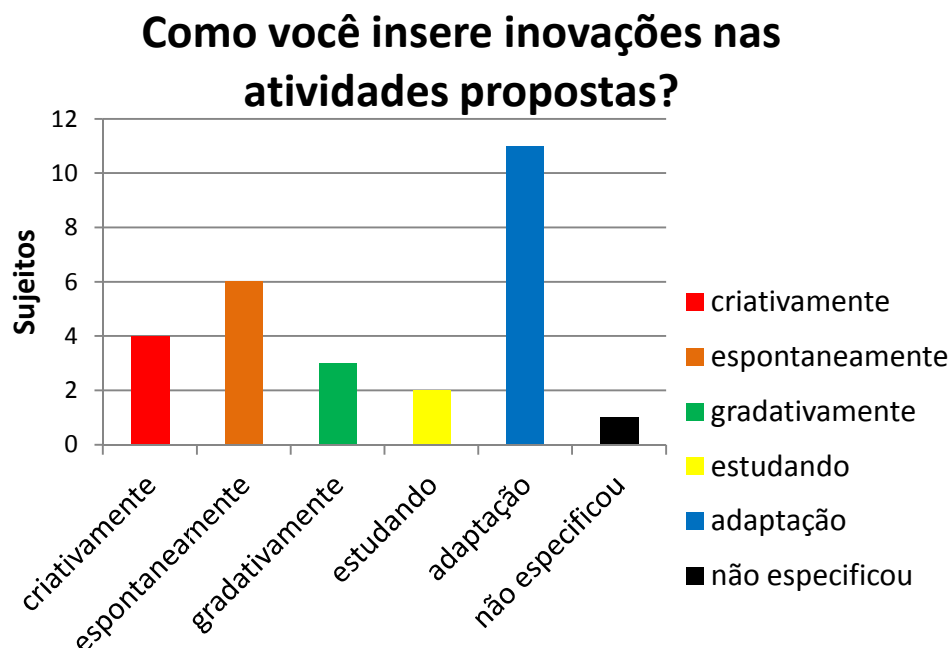


FIGURA 7. Respostas para a pergunta 8

Como observado no gráfico, o principal ponto destacado pelos recreadores foi a necessidade de adaptação, com 41% das respostas. Esta prática pode abordar o respeito às diferenças, proporcionando assim oportunidades e inclusão da maior parte dos participantes. Os sujeitos 3, 7 e 8 apontam este cenário, em suas respostas à pergunta 8:

Tento tocar a atividade do meu jeito e adequando às características do grupo.
(Sujeito 3)

Propondo atividades adequadas a cada faixa etária e trazendo preferências do grupo específico.
(Sujeito 7)

Respeitando as dificuldades.
(Sujeito 8)

A adaptação utilizando à adoção de algumas estratégias lúdicas e educativas foi apontada nas respostas dos recreadores. O maior alvo de adaptação são os jogos e brincadeiras. Diversos estudos (HUIZINGA, 1971; ALMEIDA, 1984; CAILLOIS 1990; KISHIMOTO, 1998; BOMTEMPO, 2006) apontam o poder educativo do jogo e da

brincadeira. Jogos e brincadeiras, conquanto tenham semelhanças devido ao caráter lúdico presente em ambos, guardam características peculiares e singulares, cabe destacar aqui a distinção entre ambos os temas. Conforme a literatura específica (EMERIQUE, 1989; KISHIMOTO, 2001; BOMTEMPO, 2006), a brincadeira não exige regras explícitas, pré-definidas ou estabelecidas, enquanto o jogo necessita dessas regras.

O que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança. Todos os desejos que a criança quer realizar, contudo, ela não pode fantasia na brincadeira. Com o desenvolvimento e a ampliação da idade, a situação começa a se inverter, em que o lado imaginário fica em segundo plano e começam a emergir pequenas regras que as crianças criam (VYGOTSKY, 1984), já partindo em direção à compreensão dos componentes do jogo em si.

Por não apresentar a linguagem suficientemente desenvolvida, é por intermédio da brincadeira que a criança de tenra idade consegue se expressar. Para isso, conta com a ajuda do brinquedo, objeto concreto que participa do ato de brincar. Sendo assim, pode-se dizer que a brincadeira é a linguagem mais característica da criança, representando a maneira pela qual ela se expressa diante do mundo (KISHIMOTO, 2001).

Por sua vez, o jogo requer regras, possui definição espaço-temporal, pode não produzir especificamente nenhum valor, mas é incerto e possui determinada intencionalidade. Levando em consideração o referencial teórico de Caillois (1990) os jogos podem ser categorizados em jogos de: competição, de sorte, de simulacro (representações) e de vertigem. O que mais se observa nos acampamentos é a aplicação de jogos de: competição, vertigem e, principalmente, simulacro. A partir deste cenário, o recreador pode intervir e colocar aspectos lúdicos e/ou recreativos nas atividades, adaptando-as para a realidade e necessidade do seu público.

No acampamento, os jogos de competição não têm muita repercussão quanto aos resultados, afinal o trabalho desenvolvido está enviesado pela colaboração e cooperação. Apesar de os esportes conterem, de forma relativa, valores socialmente aceitos, na faixa etária da maioria dos acampantes, de 12 a 15 anos, há grande incidência de afirmação para o grupo por meio da competição (KRAUS; SCANLIN, 2003).

Os jogos de vertigem podem ser oferecidos por alguns acampamentos com base nas atividades de aventura. Vale salientar que os acampamentos, para oferecem tais

atividades, devem possuir extrema segurança para a realização das mesmas. Contudo, estas práticas têm um significado de superação de limites, proporcionando ao participante o desenvolvimento pessoal.

Provavelmente, os jogos de representação são as atividades oferecidas com maior potencial educativo. Segundo Caillois (1990), assim como na brincadeira, nos jogos de simulacro é criado um universo imaginário. O ato de assumir uma nova personalidade, além de estimular, poderia exacerbar o poder criativo do participante. Esse pode ser o momento em que acontece a essência e a etimologia da recreação. O próprio *recrere* seria exposto, o momento onde o participante se desprende de tudo e se entrega a um personagem.

Na hora da criação e adaptação das atividades, os profissionais devem levar em consideração, não só a contribuição pessoal momentânea, mas devem, também, pensar o que estas práticas de representação podem, futuramente, auxiliar no sentido de criar uma pessoa que saiba se posicionar publicamente com melhor postura e maior desenvoltura. Dentro desta perspectiva, pode-se ratificar a contribuição desses recursos lúdicos decorrentes da adaptação para o participante, no que concerne ao aspecto sociocultural.

Sendo assim, torna-se importante que, por meio da adaptação, o recreador possa proporcionar atividades capazes de desenvolver aspectos socioculturais como: resgate e conhecimento da cultura, contação de histórias, teatro, atividades manuais, apresentações de dança, teatro, música, entre outras. A partir deste cenário lúdico, o acampante começa a se posicionar, questionar e expor, com maior facilidade, aquilo que pensa e sente, ou seja, suas concepções. Passa a respeitar as diferentes opiniões e posicionar-se de forma consciente, podendo, ainda, resgatar e conhecer a própria cultura. Por estas características faz-se necessário propor dinâmicas adaptativas condizentes com as propostas educativas do acampamento.

Para propor as inovações condizentes é necessária a criatividade por parte do recreador. Este aspecto foi elucidado em 4 respostas. Os relatos dos sujeitos 6 e 11 demonstram tal fato:

Através de criação prévia.
(Sujeito 6)

Criando novas brincadeiras, participando de congressos educacionais, ficando atenta aos modismos da educação.
(Sujeito 11)

A criatividade conforme, salienta Preciosa (2002), é algo de difícil mensuração e definição. Schwartz (1997) demonstra a constante limitação do significado da criatividade, quando esta é associada apenas na diferenciação entre atitudes tradicionais e criativas, considerando, assim, a criatividade somente como produto. A partir da criatividade, o profissional consegue juntar elementos do jogo com os educacionais, por exemplo, conscientizando sobre alguns valores, propondo, assim, suas inovações. Isto ficou evidente na resposta do sujeito 12:

São muitos, mas destaco honestidade e cooperação, os quais são muito bem trabalhados em jogos.
(Sujeito 12)

A importância em se trabalhar com valores na realização de jogos também foi ressaltada por Huizinga (1971). Conforme o autor, a esfera de participação no jogo, pode-se caracterizar como um estado de transe vivido pelo participante, tendo em vista o alto envolvimento em que o jogador se encontra. Assim, o ser humano deixa transparecer o que ele efetivamente é durante o jogo. Daí, a importância de o monitor vincular valores positivos a serem transmitidos ao participante, para que o mesmo possa ter a oportunidade de transferir para a sua vida.

Entre os participantes do estudo, encontraram-se outros que inserem inovações de forma gradativa. Os sujeitos 4 e 25 demonstram tal fato:

Aos poucos, para que não se perca uma tradição e muito menos a vontade de participação, Ou seja, vou comendo pelas beiradas.
(Sujeito 4)

De forma a não atrapalhar a atividade, devagar, chamando ou não a atenção.
(Sujeito 25)

Apenas 2 sujeitos apontaram o estudo como uma fonte de inovação e somente um sujeito não especificou como insere inovações, dizendo que depende da situação, não sendo possível inferir sobre a inserção de novos componentes na atuação. Com estas afirmações, fica elucidada mais uma contribuição do acampamento para o desenvolvimento sociocultural e educativo do acampante por meio dos jogos e brincadeiras e suas decorrentes adaptações, corroborando, novamente, com as propostas do PCN, no que tange à abordagem dos temas transversais.

Nas adaptações o aspecto de conhecimento e respeito a diferentes culturas pode ser evidenciado, abrindo espaço para que o participante seja capaz de compreender meandros do espaço cultural ao qual pertence e de outros, ampliando seu senso crítico e a capacidade de expor suas idéias de forma organizada, argumentando sobre aquilo que está sendo discutido. Portanto, pode-se verificar que, por meio do perfil peculiar, os recreadores realizam as adaptações necessárias e conseguem adentrar no grupo de acampantes. As adaptações tornam-se uma grande ferramenta educativa se aplicadas de maneira correta. Por meio destas, o participante pode conhecer outras realidades. Percebeu-se uma preocupação com a preparação para que o profissional não somente reproduza as atividades. Com isso, o profissional conseguiria trazer inovações ao trabalho, as quais são introduzidas por meio da adaptação.

Não é intenção deste eixo demonstrar qual forma seria a mais indicada, pois deve-se sempre considerar o contexto e a realidade de cada situação recreativa, mas, somente elucidar quais as práticas mais utilizadas atualmente. No sentido de compreender melhor o contexto de cada atuação, o próximo eixo tratará sobre as questões ligadas ao recreador focalizado como um ser social, considerando sua subjetividade durante a atuação.

6.4 EIXO PRINCIPAL III - ASPECTOS PESSOAIS

O eixo “Aspectos Pessoais”, apresentando os eixos secundários: razões econômico-sociais, identificação com a profissão, reconhecimento do desempenho profissional e desenvolvimento pessoal, envolveu as questões de números: 1, 2 e 10. As questões abordavam motivação, expectativa e conduta de relacionamento interno dos acampantes, respectivamente, como temas.

Este eixo se justifica por fatores dos indivíduos, sejam intrínsecos ou extrínsecos, anteriores à prática profissional tais como: gostar de crianças, a identificação com a profissão, ganhar dinheiro, ascensão no local de trabalho, reconhecimento profissional e desenvolvimento pessoal. Entretanto, existem fatores mais recentes ou imediatistas, como fonte de renda. Afinal, o indivíduo possui diversas necessidades econômico-sociais e, para isso, deve possuir subsídios para sobreviver. Além de que, todo indivíduo almeja reconhecimento profissional e social, por conseguinte, aumento da renda e o status social também, assim, o profissional atingiria o sucesso. O fator de desenvolvimento pessoal justifica-se pelo fato da prática profissional consistir em um cenário que promove mudanças qualitativas na vida do indivíduo (em seu sentido mais amplo).

Neste eixo, antes de analisar o recreador como um profissional, é necessário analisá-lo como um ser social, que está sujeito a todas as obrigações e transformações socioeconômicas e necessita de capital para sobreviver. Além de possuir necessidades, apresenta concepções e ideais, está sujeito, também, à imposição de ideologias e discursos. Vale salientar a dificuldade de se analisar um sujeito como ser social em sua totalidade e complexidade, sendo assim, o que foi analisado aqui, foi somente a expressão de alguns desses pontos evidenciados nas respostas ao instrumento proposto. As perguntas 1, 2 e 10 procuraram identificar se o trabalho como recreador é realmente algo desejado ou possui interesses econômicos e/ou sociais.

Para o profissional atuante, seria importante incorporar valores que fossem evidenciados, tanto em sua prática profissional, como em sua vida social. Para que este profissional possa transmitir valores, deve-se levar em consideração, principalmente, sua parte histórica, pois o profissional traz subjacente à prática profissional, suas experiências de vida. Contudo, para que este profissional possa transmitir valores, deve levar em consideração, principalmente, sua parte histórica, pois o profissional traz subjacente à prática profissional, suas experiências de vida (NÓVOA, 1995). Dentro da

perspectiva de incorporação de valores necessários para a prática profissional Chamlian (2005, p. 71) demonstra as competências pessoais expostas na Classificação Brasileira de Ocupações, com base na qual o recreador deveria:

- 1 Servir como referencial de conduta
- 2 Demonstrar comprometimento educacional
- 3 Trabalhar em equipe
- 4 Demonstrar liderança
- 5 Demonstrar extroversão
- 6 Demonstrar criatividade
- 7 Transmitir segurança
- 8 Demonstrar senso de organização
- 9 Atualizar-se
- 10 Demonstrar empatia
- 11 Demonstrar dinamismo
- 12 Mediar conflitos
- 13 Contornar situações adversas
- 14 Demonstrar imparcialidade
- 15 Demonstrar tolerância
- 16 Demonstrar facilidade de comunicação
- 17 Demonstrar disposição
- 18 Demonstrar habilidade para realizar tarefas diversificadas
- 19 Demonstrar habilidade para lidar com público
- 20 Estimular disciplina
- 21 Difundir valores éticos

A partir do cenário exposto, a primeira pergunta tinha por objetivo identificar os reais motivos para a atuação como recreador, isto é, independente de qualquer fator, o que mais o interessava ao exercer a função de recreador. As respostas para a primeira pergunta situam-se no gráfico a seguir:

Motivação para ser recreador

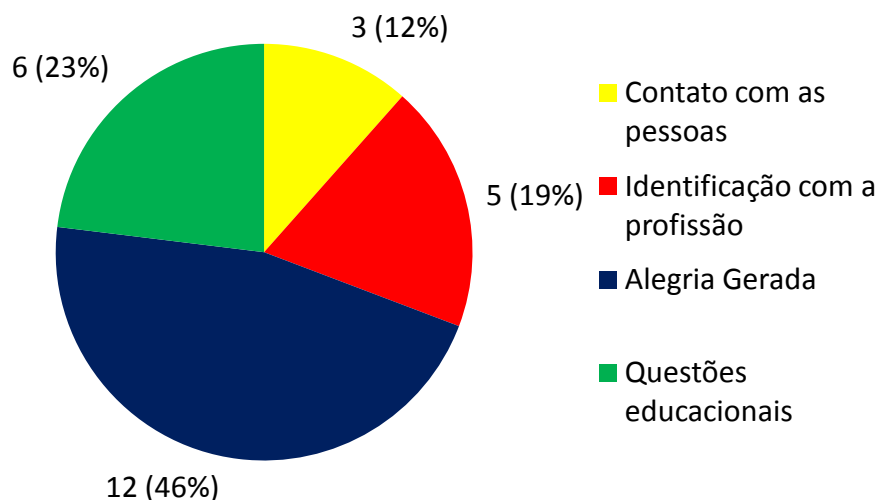


FIGURA 8. Respostas para a pergunta 1

As respostas evidenciaram que 12 sujeitos (46%) possuem como motivação o ambiente lúdico gerado e proporcionado pelo acampamento. Pode-se perceber nas respostas dos sujeitos 1, 6, 8 e 9, a preferência por trabalhar em um ambiente descontraído, como é o caso dos acampamentos:

A alegria da profissão e o prazer que proporciona.
(Sujeito 1),

Proporcionar momentos de alegria para crianças e adultos.
(Sujeito 6)

Trazer alegria e risos às pessoas.
(Sujeito 8)

A alegria de alegrar os outros, sejam crianças, jovens e de adultos.
(Sujeito 9)

Na primeira pergunta, muitos participantes apresentaram a resposta com uma conotação voltada para o lado recreativo, sendo possível inferir essa característica marcante dos atuantes com acampamentos educacionais, enquadrando-se no perfil de animador sociocultural. Os recreadores atuantes possuem perfil condizente àquele definido por Ventola (1997) em seu estudo, para a qual, o recreador deve sempre evidenciar esse caráter lúdico em sua atuação. Na resposta dos recreadores pode transparecer a intenção em executar sua função de maneira lúdica.

Quando indagados sobre a motivação em exercer a função de recreador, outras respostas enquadraram-se na perspectiva educacional. Assim, ficou evidente a preocupação em educar, além de proporcionar momentos felizes, corroborando os dados descritos pelo CBO, quanto à preocupação educacional do recreador. Já outros cinco sujeitos (7,13, 20, 23 e 27) demonstraram como principal motivo para a atuação a genuína identificação com a profissão.

Identificação com a profissão. Amo o que faço.
(Sujeito 7)

Amor pelo meu trabalho e paixão por crianças.
(Sujeito 13)

De estar fazendo o que gosto.
(Sujeito 20)

Ser uma boa profissional frente às crianças e ter paixão
pelo o que faço.
(Sujeito 23)

Paixão pelo trabalho, interferência positiva na educação de
uma criança.
(Sujeito 27)

Segundo Pimenta (2001), esta perspectiva pode ser definida como socialização primária, em que o indivíduo possui uma identificação inicial com as características de determinada profissão desde muito cedo, podendo até influenciar a escolha da futura profissão, como no caso destes recreadores. Esta socialização primária pode ter início pela imagem positiva criada pelo acampantes e vinculada ao monitor, pois diversos dos recreadores atuais foram acampantes no passado. Mais uma vez o poder educativo do monitor se faz notável. Na resposta do último sujeito pode-se perceber novamente a consciência do recreador quanto às questões educacionais, além da identificação com a profissão.

Outros três recreadores ainda demonstraram que a motivação principal é ter contato que lhes traga a sensação de prazer, como, por exemplo, o convívio com crianças.

Este aspecto é altamente recompensado no contexto do acampamento, como demonstram as respostas dos sujeitos 22 e 24.

Ter contato com crianças.
(Sujeito 22)

O contato com jovens/crianças e poder proporcioná-las momentos de alegria.
(Sujeito 24)

O contato com pessoas ou experiências não vivenciadas fora do ambiente de acampamento é um fator considerável. Entretanto, para a análise da profissão de recreador deve-se levar em consideração a realidade de cada recreador. Assim, ele deve atentar para possíveis motivos subjacentes à prática profissional. Conforme Pimenta (2001), atualmente, as profissões são escolhidas segundo aspectos sociais, políticos e econômicos, em detrimento da vontade ou vocação para as atividades. Um dos fatores subjacentes é o reconhecimento do trabalho como recreador por parte das pessoas. Na resposta do sujeito 26, fica evidente este conceito, além da gratificação que sente no convívio com as crianças.

O convívio com as crianças, a gratificação.
(Sujeito 26)

Pode-se verificar também, que a maioria dos participantes opta por trabalhar em acampamentos por se identificar com a profissão e possuir afinidade em trabalhar com esta faixa de idade infantil. A resposta do sujeito 10 para a pergunta 1 elucida tal fato:

Gosto de trabalhar com crianças, o trabalho aqui é muito bem visto e me ajuda na minha área.
(Sujeito 10)

Além destes fatores, a contribuição profissional e financeira se mostrou como um elemento igualmente importante. Pode-se categorizar esta prática profissional como semi-lazer. Dumazedier (1979) evidenciou este conceito, em que a atividade profissional se assemelha à do âmbito do lazer, mas, produzindo algum fim lucrativo, a fim de subsistência humana na sociedade.

A pergunta de número 2 tinha por objetivo elucidar o que o monitor esperava encontrar durante a estadia. Na coleta dos dados obteve-se a seguinte situação:

Expectativas dos recreadores

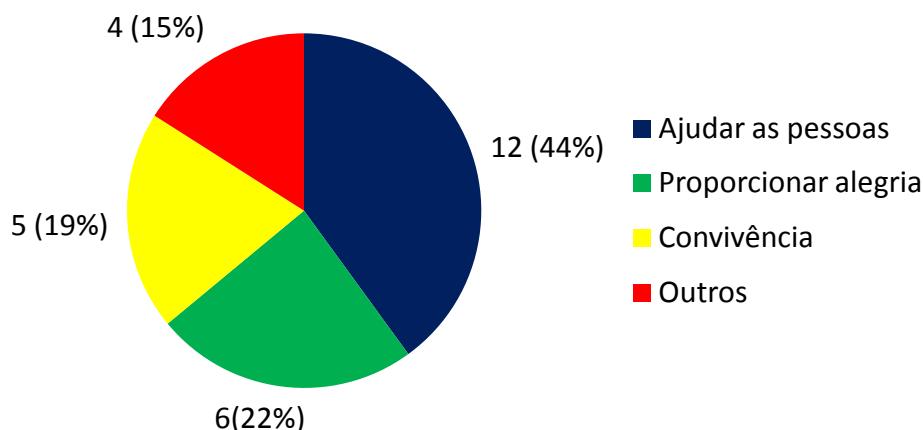


FIGURA 9. Respostas para a pergunta 2

Para 6 sujeitos (22%) os monitores esperam proporcionar e receber alegria, para outros 5 (19%) sujeitos esperam boa convivência com os acampantes. Já para 12 sujeitos (44%), a expectativa é de ajudar as pessoas por meio de seu trabalho, para 4 sujeitos (15%) as repostas foram ligadas à remuneração financeira.

Os dois primeiros fatores demonstram que, por trabalhar em um ambiente mais descontraído, o recreador pode proporcionar momentos também descontraídos, sempre na perspectiva de trazer alguns valores educativos que possam colaborar com a melhoria dos sujeitos envolvidos, sempre com muita organização, sendo solícito, educado e respeitando a todos e às diferenças, por conseguinte, gerando boa convivência entre os participantes. Esses aspectos foram evidenciados nas respostas dos sujeitos 2, 4, 5 e 7.

Proporcionar bons momentos e mudar atitudes não convenientes.
(Sujeito 2)

Fazer com que através dos jogos e brincadeiras e conversas as crianças se sintam bem e aproveitem espontaneamente cada atividade proposta.
(Sujeito 4)

Conseguir uma mudança no modo de trabalhar (mais descontraído, porém com responsabilidade) e um crescimento pessoal.
(Sujeito 5)

Trabalhar num clima animado com responsabilidade e promovendo interação social.
(Sujeito 7)

A resposta do sujeito 7 evidencia o interesse na construção de amizades, integração e sociabilização. O relato do sujeito 3, mostrado a seguir, também reforça a

possibilidade de integração promovida no espaço do acampamento.

Aprender e conviver bem com eles.
(Sujeito 3)

Pode-se perceber, nos depoimentos, os aspectos relacionados com a convivência, melhoria de relações inter e intrapessoais, integração e interação social. A interação e integração social ajudam na resolução de problemas, em que, os acampantes, durante a estadia, são estimulados a tomarem decisões em conjunto. Com a contribuição de alguns métodos pedagógicos, especialmente com as características promovidas pelo método construtivista, os monitores conseguem resolver situações conflitantes em grupo. A resolução dos problemas está intimamente ligada à questão do respeito. Neste modelo construtivista, o aluno:

[...] precisa agir (assimilação) sobre o material que o professor considera significativo para ele e depois, ele responderá por si as perturbações (acomodações) provocadas pela assimilação do material (SOUZA, 2003 p.8).

Para a abordagem construtivista todo ser humano, no processo de aprendizagem, é composto por duas partes: as experiências (bagagem hereditária) e o meio social. A interação destas duas partes geraria o conhecimento, todavia, cada sujeito constrói o próprio conhecimento. Para Freitag (1995) o ser humano é algo estritamente racional. Esta peculiaridade é fundamental para um trabalho com bases construtivistas. A questão da construção do conhecimento parte desta premissa, onde o pensamento não é algo definido *a priori* como sexo, cor de pele e outros fatores biológicos. Assim, para a autora, tanto na Filosofia Iluminista, onde a tese defendida era a razão do ser humano, quanto no construtivismo, o que deve ser oportunizado são as condições para se poder pensar, argumentar e julgar, salientando como um ser pensante é capaz de conversar, argumentar, chegar a decisões coerentes e sensatas. Este método é muito utilizado para o grupo poder chegar a uma decisão conjuntamente, proporcionando desenvolvimento para o grupo e para cada indivíduo.

Os relatos dos sujeitos 8, 15 e 19 demonstram a importância dada a este aspecto:

É a de fazer com que meu trabalho contagie e ajude pessoas.
(Sujeito 8)

Trazer autonomia, autoconfiança, para todos que procuram.
(Sujeito 15)

Além de levar a vivência lúdica do lazer ao envolvido, acabamos também contribuindo com valores e conhecimentos de áreas diferentes.

(Sujeito 19)

Entretanto, em algumas respostas para a pergunta 1, pode-se perceber o caráter mercadológico da atuação como recreadores. Assim como demonstra Marcellino (1990), há a existência de “mercadores” do lazer, que realizam atividades do contexto do lazer apenas como um fim de recuperação física para o trabalho, ou seja, uma recompensa. Possuem uma visão mercadológica das atividades do lazer, não o abordando em sua totalidade.

Proporcionar momentos de alegria e crescimento sendo correspondido. Além de fonte de aquisição de renda.

(Sujeito 6)

Ter um próprio estabelecimento/empresa para coordenar, treinando uma equipe forte.

(Sujeito 9)

Esperava trabalhar com muitas pessoas, conhecer novos amigos, ganhar dinheiro.

(Sujeito 18)

Vale salientar que, atualmente, em todos os ramos profissionais podem existir diversos profissionais que atuam somente com objetivos de subsistência pessoal, sem motivação, sendo assim, a atuação não passa de uma aquisição de renda. Por conseguinte, o rendimento é menor. A resposta do sujeito 26 diverge deste tipo de profissional e, na resposta para a pergunta 2, sobre a expectativa do recreador, esse mesmo profissional apresentou uma visão positiva sobre seu trabalho, buscando apresentar sempre melhor desempenho:

Fazer a diferença para quem estou trabalhando.

(Sujeito 26)

Conforme Huberman (1995), estudioso da educação formal, ao analisar a carreira docente, percebe que os professores passam por determinadas fases ao longo de sua carreira profissional. Dentre as fases, a destacada é o início. Apesar do choque com a realidade, onde o profissional começa a conviver com os problemas da profissão, o início da profissão é marcado pelo investimento na carreira e motivação constante. Ao se estabelecer conexão do ambiente formal ao informal, o sujeito 26 estaria

apresentando características de profissional de início de carreira, com motivação constante, assim como relatado, o anseio de “fazer a diferença” para alguém.

Nesta perspectiva de contribuir motivadamente com os acampantes, a décima e última questão tinha por objetivo verificar se o monitor proporciona melhorias no relacionamento dos acampantes.

Estratégias para melhoria do relacionamento entre os acampantes

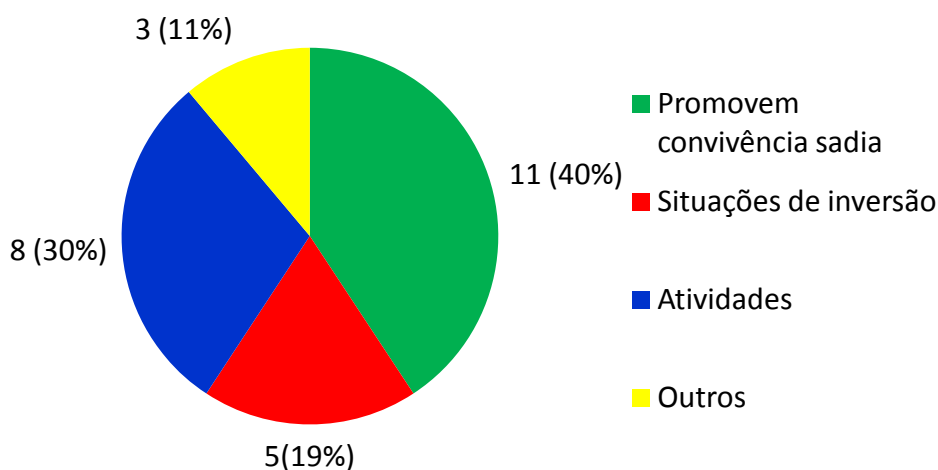


FIGURA 10. Respostas para a pergunta 10

Quando questionados, cerca de 24 recreadores (89%) afirmaram se preocupar com este aspecto e, ainda, evidenciaram algumas atividades que pudessem facilitar o convívio. Os sujeitos 4, 5, 10 e 11 optaram pela oferta de atividades recreativas, lúdicas, cooperativas para poderem melhorar as relações do grupo, colaborando para um ambiente lúdico e sadio, gerado durante a estadia, como descrito:

Através de jogos e atividades dentro do chalé.
(Sujeito 4)

Proporcionando atividades nas quais eles possam ter um contato maior com uma pessoa que ela não conheça tão bem assim.
(Sujeito 5)

Atividades no chalé proporcionando um bom ambiente.
(Sujeito 10)

Com brincadeiras cooperativas.
(Sujeito 11)

Já outros sujeitos 6, 7 e 20 são exemplos dos recreadores que optam por promoverem convivência sadia e bom convívio entre os participantes. Suas respostas apresentadas a seguir demonstram tal fato:

Sim, Enfatizando o respeito as diferenças.
(Sujeito 6)

Convivência em grupo e evitar o excesso de competição.
(Sujeito 7)

Sim, pois se todos se respeitarem o ambiente fica muito mais Agradável.
(Sujeito 20)

As atividades lúdicas, além de abordarem aspectos: sociais, cognitivos, físicos, emocionais e morais da criança, possibilitam, também, a interação social a partir da convivência com diferentes pessoas, além de desenvolver linguagem e afetividade (GOMES, 2009). Schwartz (1997) destaca, dentre as diversas características do brincar, sua função socializadora proveniente da representação e troca de papéis que a brincadeira pode proporcionar. Existem também monitores que preferem adotar a situação de inversão de valores, na qual possa provocar alguma mudança nas concepções preconceituosas dos acampantes. Os sujeitos 18, 22 e 23 demonstram isto em suas respostas:

Claro que sim. Se existem brigas ou garotos alvos de brincadeiras procuramos colocá-los em evidência.
(Sujeito 18)

Frente situações como isolamento de um acampante tento sempre fazer dinâmicas para uma inclusão e mesmo melhora do entrosamento do grupo.
(Sujeito 22)

Às vezes, como exemplo, fazer os acampantes de uma escola com um preconceito sobre outro, se relacionarem e conhecerem melhor antes de julgá-los.
(Sujeito 23)

Portanto, a soma de motivação, expectativa, concepções, ou seja, a própria subjetividade do recreador pode ser determinante em sua atuação profissional. Agora faz-se necessário analisar outros fatores que podem interferir na atuação.

6.5. EIXO PRINCIPAL IV - OUTROS

Este eixo temático aborda todas as respostas não pertencentes aos demais eixos. Os Sujeitos 13 e 14 não deixaram evidente qual a real intenção na participação em acampamentos, assim suas respostas foram analisadas de um ponto de vista diferente. O Sujeito 13 aponta a necessidade de ser querido, porém ressalta a dificuldade de tal ação:

Fazer com que todos gostem muito de mim, apesar de ser muito difícil agradar a todos.
(Sujeito 13)

Já o Sujeito 14 aponta o clima favorável evidenciado anteriormente e ressalta a vontade de agradar:

Deixar um clima bom, agradar a todos, divertindo-os.
(Sujeito 14)

Estas respostas não evidenciam qual a real pretensão dos participantes, pois, agradar a todos é genérico demais, não se sabe se eles pretendem agradar aos acampantes, à coordenação da equipe de monitoria, aos professores, aos companheiros de trabalho, ou a todos esses segmentos simultaneamente. Dentro desta perspectiva, estas duas respostas foram classificadas no eixo “outros”.

Outras respostas chamam atenção como estas. O Sujeito 14, quando indagado sobre sua motivação para atuar como recreador respondeu:

Tentar transmitir às pessoas a magia que existe nos jogos e brincadeiras recreativas.
(Sujeito 14)

Esta resposta demonstra que o recreador realmente acredita que exista algo metafísico na atmosfera dos jogos e brincadeira. Esta magia descrita seria capaz de atrair as pessoas para a realização de atividades. Conforme descreve Caillois (1990) o jogo parte da intencionalidade do jogador, somente este fato já seria capaz de despontar algum sentimento nos jogadores.

Neste sentido os estudos de Cortez (1996) e Junior (1999) descrevem o elemento lúdico contido nos jogos. Cortez afirma que os jogos escolares, são capazes de transformar a concepção da criança em relação à escola. O lúdico é algo natural da criança, todavia na escola é reprimido, tornando a escola em dois locais distintos. Um

com a seriedade e autoridade dos professores e outro espaço espontâneo e livre (ROSAMILHA, 1979).

Outra resposta que chamou atenção foi a do Sujeito 18:

Vender algo que acredito, felicidade.
(Sujeito 18)

O sujeito 18 apresentou um caráter mercadológico em relação às atividades do contexto do lazer, porém, com ênfase em um aspecto bastante subjetivo, qual seja, a felicidade. Esta visão aponta o lazer e as práticas recreativas como se fossem produtos, nos quais se pode, facilmente, “obter” o objetivo da participação nas práticas, que, neste caso, seria a felicidade. Assim, ainda que tenha sido valorizado um aspecto subjetivo importante, no caso, a felicidade, como aponta Marcellino (1990), este olhar corrobora com a diminuição da visão ampla do lazer, tratando-o como mercadoria.

Outra resposta interessante foi a do sujeito 16:

Entender esse universo que não conhecia.
(Sujeito 16)

O recreador espera que, por intermédio da prática profissional, possa conhecer um pouco mais do lazer e da recreação. Assim, para esse sujeito, a prática profissional consolida-se como um ambiente de aprendizado sobre questões que outros atuantes possuem *a priori*. Este profissional provavelmente passou pelo processo de socialização primária, que descreve afinidade anterior à prática profissional. Sua inserção na profissão é motivada por interesse em conhecer e aprofundar-se no assunto (PIMENTA, 2001).

7. CONCLUSÃO

A partir dos resultados do presente estudo, pode-se concluir a existência de consciência, por parte dos recreadores, quanto a sua função educativa durante a estadia nos acampamentos. Os participantes do estudo acreditam ser capazes de contribuir positivamente com a mudança de atitudes e de condutas dos acampantes, uma vez que o ambiente diferenciado do acampamento contribui com estas mudanças, sendo, então, a ação educacional dos recreadores somada ao ambiente gerado, à fonte de crescimento pessoal e à participação coletiva.

Para exercer a função educativa, os profissionais possuem, basicamente, recursos como a linguagem, a conduta, as atividades e a constituição de uma imagem ligada a bons valores, espécie de exemplo a ser seguido como forma de transmissão de valores socialmente aceitos. Com tantas funções educativas, faz-se necessária a preparação para a atuação. Grande parte dos participantes se prepara para a atuação, demonstrando preocupação em inserir inovações e não ser, somente, reproduzidor de atividades. As atividades recreativas possuem a preocupação em transmitir valores educacionais e, por meio destas, os recreadores de acampamentos contribuem significativamente para o desenvolvimento desse aspecto junto aos participantes. Estas são inseridas, na maior parte, por meio de adaptações feitas nas propostas de atividades.

Os profissionais atuantes no acampamento possuem como principal motivação o ambiente lúdico do local e o respeito foi o valor mais evidenciado, entre outros, para ser transmitido durante a estadia. Os profissionais ainda demonstraram manter o respeito, mesmo quando são desrespeitados, ou seja, sempre procuram o diálogo quando há conflitos, demonstrando, assim, que seguem os valores socialmente aceitos e que enviesam a prática profissional. Por intermédio destas contribuições, principalmente das atividades recreativas, os recreadores podem proporcionar desenvolvimento no âmbito sociocultural para os acampantes. A partir disto, conclui-se que experiências significativas no âmbito do lazer, como as dos acampamentos educacionais são capazes de contribuir em aspectos educacionais e socioculturais, por meio da atuação de um recreador competente.

Tornam-se necessários outros estudos sobre a temática da educação em ambientes não-formais, para que este elemento seja efetivamente compreendido e assimilado no campo de atuação do profissional do lazer.

8. REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALMEIDA, P. N. **Dinâmica lúdica: jogos pedagógicos para escolas de 1º e 2º graus**. São Paulo: Loyola, 1984.
- ALVES, U. S; CHAMLIAN, L. A. Acampamentos: uma discussão educacional. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, XVI: Salvador, **Anais do XVI Encontro Nacional de Recreação e Lazer**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2004.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ACAMPAMENTOS EDUCATIVOS. **O que é um acampamento educativo?** Disponível em: <http://www.abae.org.br>. Acesso em: 21 mar. 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BEE, H. L. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre : Artmed, 2003.
- BECKER, F. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro07.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2010
- BOMTEMPO, E. **A psicologia do brinquedo**. São Paulo: EDUSP: Nova Stella, 1986.
- BOMTEMPO, E. **Brincando na escola, no hospital, na rua**. Rio de Janeiro: Wak, 2006.
- BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Santos: Projeto Cooperação, 2001.
- CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**, Lisboa: Cotovia, 1990.
- CAMARGO, L. O. de L. **Educação para o lazer**, São Paulo: Moderna, 1998.
- CAMPAGNA, J. **Lazer: significados e ressonâncias da educação não-formal do idoso**. 2009. 164 f. Tese (Doutorado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.
- CHAMLIAN, L. A. **Políticas públicas de educação e a formação para o conviver: o acantonamento como uma boa saída da escola**. 2005, 110p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade da Cidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CHATEAU, J. **O jogo e a criança**. São Paulo: Sumus, 1987..
- CORTEZ, R. N. C. Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola. **Revista Motriz**, v. 2, n. 1, jun. 1996. Disponível em: http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART01.pdf. Acesso em: 11. set. 2010.
- DARWIN, C. **A Origem das espécies**. São Paulo: Melhoramentos, 1982.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva: SESC, 1979.

- ELKONIN, D. B. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- EMERIQUE, P. S. **Assistir, imitar, brincar**: um estudo sobre a influência da televisão no comportamento de crianças pré-escolares. São Paulo: [s.n.], 1989.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.
- FREITAG, B. **Construtivismo pós-piagetiano**: um novo paradigma sobre a aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FRIEDMAN, A. **O universo simbólico da criança**: olhares sensíveis para a infância. Petrópolis: Vozes, 2005.
- GANDINI, R. P. C. **Industrialização e Educação**. Educação Hoje: mercadoria. educação & sociedade, Campinas, v. 7, p. 130-136, 1980.
- GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultural política**: impactos sobre o associativo do terceiro setor, São Paulo: Cortez, 1999 (Coleção Questões da Nossa Época).
- GOMES, K. F. **O lúdico na escola**: atividades lúdicas no cotidiano das escolas do ensino fundamental I no município de Araras, 2009, 34 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- HERNANDEZ, J. A. E; GOMES, M. de M. Coesão grupal, ansiedade pré-competitiva e o resultado dos jogos em equipes de futsal. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n.1, p.139-150, 2002.
- HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª ed. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.
- JUNIOR, W. do C. A brincadeira de corpo e alma numa escola sem fim: reflexões sobre o belo e o lúdico no ato de aprender. **Revista Motriz**, v.1, n.1 p.15-24, jun. 1999.
Disponível em:
<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/958/888>.
Acesso em: 11. set. 2010.
- KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis**: o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1998
- KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- KISHIMOTO, M. T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
- KRAUSS, R. G.; SCANLIN, M. M. **Monitor de acampamento**: Privilégio e desafio. São Paulo: AEA, 2003.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**: relações entre o lazer, a escola e o processo educativo, 1984. 114f. Dissertação (Mestrado em Filosofia da Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas. 1984.

- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1990.
- MARCELLINO, N. C. A sala de aula como espaço para o “jogo do saber”. In: MORAIS, R. de (Org.) **Sala de aula**: que espaço é esse? 7. ed. Campinas: Papirus, 1994. P59-70.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer**; formação e atuação profissional Campinas: Papirus, 1995.
- MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.
- MARCELLINO, N. C. Conteúdos culturais do lazer: projetos de animação. **Revista Mineira de Educação Física**, Viçosa – MG, v.10, n.1, p. 28-34, 2002.
- MARCELLINO, N. C. et al. **Políticas públicas de lazer**: formação e desenvolvimento pessoal. Campinas: Opus, 2007.
- MARCELLINO, N. C. **Políticas públicas de esporte recreativo e do lazer**. In: XXI Encontro Nacional de Recreação e Lazer [Florianópolis, SC. 05. nov. 2009]. Palestra.
- MANTOAN, M. T. E. **Ensinando a turma toda**: as diferenças na escola. Pátio – revista pedagógica– ARTMED/ Porto Alegre, RS, Ano V, nº 20, Fev/Abr/2002, pp.18-28.
- MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORTENSEN, C. D. **Teoria da comunicação**: textos básicos. Rio de Janeiro: Eldorado, 1980.
- NARDY, R. M. **Atividade lúdica e desenvolvimento moral**, 2006, 73 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- NÓVOA, A.(Org.) **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.
- ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do livro, 1989.
- PADILHA, V. O lazer submetido aos critérios do tempo de trabalho e da sociedade de consumo: entrevista com Wolfgang Leo Maar. **Licere**, Belo Horizonte, v.8, n.1, p.141-152, jun.2005.
- PIAGET, J. **A construção do real na criança**. São Paulo: Ática, 1971.
- PIMENTA, S. G. **Orientação vocacional e decisão**: estudo crítico da situação no Brasil. São Paulo, Loyola, 2001.
- PRECIOSA, R. Eu não sou criativo. **Fashion Theory, a revista da moda, corpo e cultura**. São Paulo, v.1, n.4, p.141-143, dez. 2002.
- REQUIXA, R. **Sugestões de diretrizes para uma política nacional de lazer**, São Paulo: Sesc/SP, 1980.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, A. C. **O lúdico, a criança e a infância**, 2000, 134 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- ROSAMILHA, N. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SALLES, L. M. F; MAZZA, D. A organização do trabalho na escola: a prática do planejamento. **Revista Educação: Teoria e Prática**, v.3, n. 5, jul-dez, 1996.

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SCHWARTZ, G. M. **Atividades lúdicas e educação física: possível dissonância?** 1997, 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade da Cidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

SCHWARTZ, G. M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 23-31, 2003.

SCHWARTZ, G. M. (Org.) **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

SERVIÇO SOCIAL COMÉRCIO-ESTADO. **Nossa história**. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/main.asp?ViewID={8168325E-BE8D-4973-9280-57E680D0CB36}&u=u>. Acesso em: 16 mar. 2010

SILVA, R. Atividades recreativas em acampamentos de férias. In: Schwartz, G. M. (Org.). **Atividades recreativas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

SOUSA, A. R. R. et al. **Abrigar...brincar: um estudo sobre as vivências lúdicas educadoras e crianças de um abrigo**. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. Disponível em: http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=630 . Acesso em: 17 mar. 2010

SOUZA, L. S. **Construtivismo: na prática a teoria é outra?** 2003, 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.

SOUZA LIMA, E. C. A. **A atividade da criança na idade pré-escolar**. São Paulo: FDE, 1992. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/inf_a.php?t=005. Acesso em: 17 mar. 2010.

STOPPA, E. A. **Acampamentos de férias**. Campinas: Papyrus, 1999.

STOPPA, E. A. Acampamentos de férias: as interfaces entre o lazer e a educação? In: MARCELLINO, N. C. (Org.) **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999

VASCONCELOS, T. **Jogos e brincadeiras no contexto escolar**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/>. Acesso em: 17 mar. 2010.

VENTOLA, L. R. **A conduta lúdica de crianças em hotéis e acampamentos na visão de monitores**, 1997. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.

VICTO, P. **Ludoterapia: a brincadeira como ponte para a realidade**, 2005. 94f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

9. ANEXOS

9.1. ANEXO I – QUESTIONÁRIO

Dados Pessoais:

Idade –

Sexo –

Tempo de Atuação –

Curso –

- 1) O que o(a) motiva para assumir o papel de recreador?
- 2) Qual sua expectativa ao assumir o trabalho como recreador?
- 3) Você se prepara de alguma forma para ser recreador? Explique
- 4) Você acredita que possa contribuir positivamente para alguma mudança de atitude ou conduta dos acampantes? Explique.
- 5) Quais valores você espera transmitir para os acampantes?
- 6) Você considera que a recreação pode ser um elemento educacional? Explique.
- 7) Como você age frente aos problemas de relacionamento entre os acampantes?
- 8) Como você insere inovações nas atividades propostas?
- 9) Qual sua conduta frente a manifestações desrespeitosas pelos acampantes?
- 10) Você costuma estimular estratégias de melhoria do relacionamento interpessoal dos acampantes? Explique.

9.2 ANEXO II –
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado: O PAPEL DO RECREADOR DE ACAMPAMENTOS COMO EDUCADOR, que tem como objetivo INVESTIGAR NA VISÃO DOS PRÓPRIOS PROFISSIONAIS DA RECREAÇÃO ATUANTES EM ACAMPAMENTOS EDUCACIONAIS, COMO ELES PERCEBEM SEU PAPEL COMO EDUCADOR E COMO CONTRIBUEM NA FORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DE SEUS ACAMPANTES.

Sua participação se dará por meio de resposta a um questionário aplicado pelo aluno de Graduação em Licenciatura, Sr: Marcelo Fadori Soares Palhares, RG: 36.243.690-3, Residente à Avenida 12-A, 55 – Rio Claro – SP Fone: (19) 3597-1608, que estará juntamente com o pesquisador responsável à disposição para informações ou esclarecimentos de qualquer dúvida, antes e durante o curso da pesquisa.

Os resultados do estudo poderão ser publicados, mas, com a garantia de que sua privacidade, nome ou identificação não serão revelados. Para tanto, se faz necessário sua assinatura na declaração abaixo:

DECLARAÇÃO

Eu, _____, Documento de Identidade nº _____, Sexo _____, Data _____ de Nascimento _____, Endereço _____, Telefone para contato _____, declaro que CONCORDO em participar da pesquisa intitulada “O PAPEL DO RECREADOR DE ACAMPAMENTOS COMO EDUCADOR”, tendo sido suficientemente esclarecido sobre os objetivos, a forma de participação, a liberdade de interrupção a qualquer momento, sem penalização ou risco de qualquer natureza e sobre a garantia de anonimato. Local: _____

Data: _____

Assinatura: _____

Título do Projeto: O PAPEL DO RECREADOR DE ACAMPAMENTOS COMO EDUCADOR

Pesquisador Responsável: Gisele Maria Schwartz.

Cargo/Função: Professor Adjunto

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3526 4335 e-mail: schwartz@rc.unesp.br

Aluno-pesquisador: Marcelo Fadori Soares Palhares

Instituição: LEL/DEF/ IB/UNESP-UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JULIO DE MESQUITA FILHO” – CAMPUS DE RIO CLARO

Endereço: Av. 24-A, 1515 – Bela Vista, Rio Claro-SP – CEP: 13506-900

Dados para Contato: fone (19) 3597 – 1608 e-mail: palhares@rc.unesp.br

Data: 27/04/09

 Gisele Maria Schwartz
 Pesquisadora responsável